

**INSTITUTO TEOLÓGICO FRANCISCANO
FACULDADE DE TEOLOGIA
DISCIPLINA: LITURGIA**

CATEQUESE COM ADULTOS:

PROCESSO DE INICIAÇÃO E APROFUNDAMENTO PERMANENTE DA FÉ

**PETRÓPOLIS
NOVEMBRO 2002**

DJALMO FUCK

CATEQUESE COM ADULTOS:

PROCESSO DE INICIAÇÃO E APROFUNDAMENTO PERMANENTE DA FÉ

Trabalho de graduação apresentado à disciplina de Liturgia, da Faculdade de Teologia do Instituto Teológico Franciscano

Prof. Fr. Alberto Beckhäuser, OFM

PETRÓPOLIS
NOVEMBRO 2002

SUMÁRIO

SIGLAS E ABREVIATURAS	iv
INTRODUÇÃO	1
CAP. I – URGÊNCIA DA INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS	5
1. UM OLHAR SOBRE A REALIDADE DA INICIAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL.....	5
1.1 Uma história marcada por uma evangelização deficiente.....	5
1.2 A liturgia que “herdamos” ao longo destes séculos.....	7
1.3 Uma catequese extremamente teórica e doutrinária.....	8
1.4 A compreensão errônea de catequese como “coisa para criança”.....	10
1.5 Uma fé individualista, pouco eclesial.....	11
1.6 Um povo muito “católico”, mas pouco cristão.....	13
2. ACLARAMENTO DE CONCEITOS.....	15
2.1 A dificuldade terminológica e conceitual.....	15
2.2 A catequese a serviço da iniciação cristã.....	20
3. O FENÔNEMO DA INICIAÇÃO CRISTÃ.....	21
3.1 O conceito de iniciação.....	21
3.2 Elementos característicos da iniciação.....	23
3.3 A dinâmica da iniciação em nossos dias.....	24
3.4 A originalidade da iniciação cristã.....	25
3.5 O qualificativo essencial da iniciação cristã: o seguimento de Jesus Cristo.....	29
CAP. II – RUMO A UMA CATEQUESE COM ADULTOS	32
1. A CATEQUESE COM ADULTOS COMO FORMA PRIVILEGIADA DA INICIAÇÃO CRISTÃ.....	32
1.1 Consciência crescente da Igreja para a necessidade da catequese com adultos.....	32
1.2 Os destinatários da catequese com adultos.....	38
1.3 O conteúdo da catequese com adultos e seus objetivos.....	41
1.4 Catequese com adultos à luz da pedagogia de Jesus.....	48
1.5 Características metodológicas da catequese com adultos.....	51
1.6 Agentes para uma catequese com adultos.....	54
2. FORMAS DE CATEQUESE COM ADULTOS.....	56
2.1 Catequese com adultos em cunho de evangelização missionária.....	57
2.2 Catequese com adultos em chave de aprofundamento da fé.....	59

CAP. III – DESAFIOS PASTORAIS NA CATEQUESE COM ADULTOS	63
1. NECESSIDADE DE ARTICULAÇÃO ENTRE CATEQUESE E LITURGIA.....	63
1.1 Uma catequese que inicie progressivamente na vida litúrgica	66
1.2 Resgate da dimensão litúrgica da catequese.....	67
2. FORMAÇÃO DE UMA COMUNIDADE CATEQUIZADORA.....	70
3. UMA CATEQUESE ORGANIZADA À LUZ DA BÍBLIA.....	72
4. UMA CATEQUESE ABERTA AO DIÁLOGO NA DIVERSIDADE RELIGIOSA, CULTURAL E HUMANA.....	73
5. FORMAÇÃO ADEQUADA PARA OS CATEQUISTAS COM ADULTOS.....	75
6. NASCIMENTO DE UMA NOVA MENTALIDADE ECLESIOLÓGICA.....	77
CONCLUSÃO	80
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	83

SIGLAS E ABREVIATURAS

2.^a SBC	2. ^a Semana Brasileira de Catequese (2001)
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CELAM	Conferência Episcopal Latino-Americana
Cf.	Veja, confira
CF	Campanha da Fraternidade
ChD	Concílio Vaticano II: Decreto <i>Christus Dominus</i>
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
COINCAT	Conselho Internacional de Catequese
Col.	Coleção
CR	Catequese Renovada (Doc. 26), CNBB
CT	Exortação Apostólica <i>Catechesi Tradendae</i> , 1979
Dir.	Dirigido por
DCG	Diretório Catequético Geral (1971)
DGC	Diretório Geral para a Catequese (1997)
EN	Exortação pós-sinodal <i>Evangelii Nuntiandi</i> , 1975
GRECAT	Grupo de Reflexão Catequética (CNBB)
GS	Concílio Vaticano II: Constituição Pastoral <i>Gaudium et Spes</i>
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MEDELLÍN	II Conferência Geral do CELAM, 1968
Org.	Organizado por
PUEBLA	III Conferência Geral do CELAM, 1979
RICA	Ritual da Iniciação Cristã de Adultos
SC	Concílio Vaticano II: Constituição Dogmática <i>Sacrosanctum Concilium</i>
SD	Santo Domingo - IV Conferência Geral do CELAM, 1992

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso, intitulado: “*Catequese com adultos: processo de iniciação e aprofundamento permanente da fé*”, tem sua inspiração primeira na II Semana Brasileira de Catequese, acontecida em Itaiaci (Indaiatuba – SP), de 8 a 12 de outubro de 2001. O encontro foi promovido pela Dimensão Bíblico-Catequética da CNBB e visou refletir sobre a catequese com adultos, tendo como tema: “*Com adultos, catequese adulta*” e lema: “*Crescer rumo à maturidade em Cristo (Ef 4,13)*”. Representantes de todos os regionais da CNBB, das dioceses, Escolas de Catequese e Instituições bíblicas, bem como convidados de outros países, integraram a II Semana Brasileira de Catequese, num total de 459 participantes, entre leigos, religiosos, padres e bispos.

Este grande encontro de reflexão e debate perseguiu alguns objetivos¹:

- a) *Objetivo geral*: descobrir caminhos para a catequese e a formação permanente de adultos, que os ajudem a viver o compromisso com Jesus e sua proposta, numa Igreja de comunhão e participação.
- b) *Objetivos específicos*: conhecer melhor a situação cultural e religiosa de hoje; conhecer e analisar a realidade da catequese com adultos hoje; apontar pistas para o diálogo construtivo num mundo pluralista; refletir sobre a espiritualidade e uma leitura bíblica que falem ao adulto de hoje; avaliar e celebrar a caminhada feita a partir da *Catequese Renovada*; envolver no processo todos os que trabalham na catequese e na formação de adultos.

Durante os dias de encontro, afirmou-se enfaticamente que a catequese deverá ser “um processo de educação da fé que perpassa as diversas etapas da vida dos cristãos. Mais do que uma doutrinação ocasional, ela pretende ser

¹ CNBB, *Segunda Semana Brasileira de Catequese*, Estudos da CNBB 84, São Paulo, Paulus, 2001, p.10.

um verdadeiro itinerário, vivo e personalizado, de fé, oferecido aos que decidem seguir Jesus, seu jeito de viver, e assumindo, como valor irrenunciável, a sua causa em prol da fraternidade, da justiça e da paz”².

Motivado e provocado pelas intuições mais genuínas da II Semana Brasileira de Catequese, pretendo refletir sobre o tema da catequese com adultos na perspectiva da iniciação permanente ou formação continuada da fé. Esta catequese dirige-se especialmente, mas não exclusivamente, para os “católicos ocasionais”, adultos batizados, mas não suficientemente evangelizados ou não iniciados na fé. Estamos assim numa situação meio contraditória e paradoxal, como bem observa Casiano FLORISTÁN: “*Na Igreja primitiva era batizado o convertido; agora tem que se converter o batizado*”³.

Convém lembrar ainda que não abordarei o tema do catecumanato na sua forma de organização atual, nem de sua dimensão histórica, embora este tenha sido a melhor forma de catequese de iniciação que a Igreja dos primeiros séculos conheceu. Sobre o tema do catecumenato, especialmente de sua dimensão histórica, há muito material escrito⁴. Também não tratarei dos sacramentos da iniciação (batismo, confirmação e eucaristia) em específico, mas

² CNBB, *Com adultos, catequese adulta*, Estudos da CNBB 80, 3.^a ed., São Paulo, Paulus, 2001, p.7.

³ Casiano FLORISTÁN, *Catecumenato: história e pastoral da iniciação*, Petrópolis, Vozes, 1995, p.94.

⁴ Material para consulta: Casiano FLORISTÁN, *Catecumenato: História e pastoral de iniciação*, Petrópolis, Vozes, 1995; Irmão NERY, *Catequese com adultos e catecumenato: História e proposta*, São Paulo, Paulus, 2001; Epaminondas J. de ARAUJO, *Catecumenato hoje*, REB 32 (1972), p.581-589; Casiano FLORISTÁN, *La iniciación cristiana*, PHASE 171 (1989), p.215-224; Jose Maria HERNANDEZ, *Diez tesis sobre la iniciación cristiana*, PHASE 171 (1989), p.246-243; Dominique LEBRUN, *Initiation et catechumenat: deux réalités a distinguer*, LA MAISON-DIEU 185 (1991), p.47-60; Jairo Gómez MEJIA, *Evangelização e catecumenato na Igreja universal: América Latina*, CONCILIUM 2 (1967), p.165-168; Charles PALIARD, *A catequese no catecumenato*, CONCILIUM 2 (1967), p.45-49; Manuel RAMOS, *Educación litúrgica e iniciación cristiana*, PHASE 156 (1985), p.117-139; Alois STENZEL, *Elementos temporais e atemporais da história do catecumenato*, CONCILIUM 2 (1967) p.30-44; Jose ALDAZABAL, *Que hacer con los niños no bautizados. Comentario a la nota episcopal española sobre la iniciación cristiana de niños em edad escolar*, PHASE 195 (1993), p.195-200; SANTO AGOSTINHO, *A instrução dos catecúmenos* (Col. Fontes da Catequese), Petrópolis, Vozes, 1984; SANTO AMBRÓSIO, *Os Sacramentos e os Mistérios* (Col. Fontes da Catequese), Petrópolis, Vozes, 1981; SÃO CIRILO DE JERUSALÉM, *Catequeses Mistagógicas* (Col. Fontes da Catequese), Petrópolis, Vozes, 1977; SÃO CIRILO DE JERUSALÉM, *Catequeses Pré-Batismais* (Col. Fontes da Catequese), Petrópolis, Vozes, 1978; HIPÓLITO DE ROMA, *Tradição Apostólica* (Col. Fontes da Catequese), Petrópolis, Vozes, 1981; DIDAQUÉ (Col. Fontes da Catequese), Petrópolis, Vozes, 1986.

da catequese com adultos como processo de iniciação e aprofundamento permanente da fé⁵.

Em termos didáticos, nosso trabalho monográfico está dividido em três capítulos, seguindo a consagrada metodologia do ver-julgar-agir. Cada capítulo está dividido em títulos, objetivando facilitar a compreensão.

No primeiro capítulo procuramos salientar a urgência de investirmos seriamente na iniciação cristã dos adultos, tendo em vista a preocupante realidade eclesial em que vivemos. Apresentamos de forma bastante concisa os principais problemas que dificultam um verdadeiro itinerário de iniciação cristã, levando em conta a realidade histórica que herdamos. Achamos oportuno ainda aclarar alguns conceitos e termos usadas ao longo do trabalho, facilitando a compreensão do mesmo. Em seguida, analisamos o fenômeno da iniciação cristã, procurando destacar seus elementos característicos e sua originalidade particular em relação aos demais tipos de iniciação.

No segundo capítulo procuramos trabalhar a temática da catequese com adultos como forma privilegiada da iniciação cristã. Percorremos os principais documentos da Igreja que afirmam a importância de se investir na catequese com adultos. Buscamos mostrar ainda os principais destinatários desta catequese, seu conteúdo, sua metodologia, os agentes responsáveis e as principais formas de catequese com adultos.

No terceiro e último capítulo apresentamos, de forma breve e sintetizada, alguns desafios pastorais que julgamos importantes de serem enfrentados no

⁵ A expressão “iniciação permanente da fé” ou “formação permanente da fé” deve ser aqui bem entendida para evitar confusões. O Diretório Geral para a Catequese (DGC), n.63-72, fala de dois tipos de catequese: o primeiro refere-se à catequese de iniciação ou catequese de base propriamente dita e que prepara para a celebração dos sacramentos da iniciação cristã. E o segundo tipo seria a catequese como educação permanente da fé, feita depois da catequese de iniciação e que se dá especialmente através da participação na eucaristia e na escuta e reflexão da Palavra de Deus. Já a expressão por nós usada neste trabalho: “iniciação permanente da fé” ou “formação permanente da fé” não quer indicar aqui um segundo momento da catequese, posterior à catequese de iniciação, mas a totalidade da ação catequética. Sem cairmos num pancatequismo, onde tudo passaria a ser catequese, nem num reducionismo simplista, queremos afirmar antes o caráter processual e contínuo da catequese. Esta não deve reduzir-se a uma atividade circunstancial na vida do cristão, mas abrir-se como processo de iniciação e aprofundamento permanente da fé.

âmbito da reflexão e da prática catequética com adultos. Particularmente o desafio de articularmos, de forma fecunda e harmônica, catequese e liturgia.

Finalmente, apresentamos uma rápida conclusão de nossa pesquisa, sublinhando a necessidade urgente de rompermos com um conceito histórico de catequese estritamente infantil, doutrinário e ocasional. A catequese deverá ser entendida antes como um processo contínuo de aprofundamento e amadurecimento da fé, perpassando todas as etapas da vida dos cristãos, ou seja, em sentido lato, desde o nascimento até a morte estamos fazendo catequese.

CAPÍTULO I – URGÊNCIA DA INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS

1. UM OLHAR SOBRE A REALIDADE DA INICIAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL

1.1 Uma história marcada por uma evangelização deficiente

O percurso feito pela Igreja em nosso país não nos é estranho, muito menos desconhecido, uma vez que ele nos revela as raízes que alimentam ainda hoje o catolicismo, tanto a nível institucional quanto a nível popular⁶. A evangelização que o Brasil conheceu durante vários séculos representou um esforço pela “cristianização” dos povos indígenas que aqui habitavam e, posteriormente, do povo negro, traficando cruelmente do continente africano.

Sob a hegemonia católico-portuguesa buscou-se cristianizar os pagãos, implantar e expandir a fé, “salvar as almas”. Isto representou “uma volta a uma situação similar à expansão do cristianismo nos primeiros séculos da era cristã, entre os judeus, os gregos, os romanos e outros povos. Os índios adultos, na convicção dos colonizadores e dos missionários, precisam, evidentemente, ser batizados para participar das riquezas da graça salvífica de Cristo. Condiçãoados pela mentalidade da época, obviamente, estes povos desconhecidos precisam, para ser cristãos, primeiramente ser europeizados, isto é, entrar nos padrões da civilização da época na Europa”⁷.

Impulsionados por esta mentalidade, “os primeiros missionários nem pensam muito na necessidade de um processo de conversão e por isso os primeiros batismos acontecem, sobretudo, por imposição, coação (...). A convicção

⁶ Cf. Nilo AGOSTINI, *Ética e Evangelização: a dinâmica da alteridade na recriação da moral*, Petrópolis, Vozes, 1997, p.47.

⁷ Irmão NERY, *Catequese com adultos e catecumenato: história e proposta*, São Paulo, Paulus, 2001, p.73.

geral dos missionários de que os pagãos não entram no céu sem o batismo, leva-os, com muito zelo, a querer salvar a todos”⁸.

Segundo o teólogo Nilo AGOSTINI, podemos dividir a história da obra evangelizadora no Brasil em três períodos. O primeiro começa com o descobrimento do Brasil, em 1500, e com a chegada dos primeiros colonizadores e missionários portugueses, em 1530. A partir de meados do século XIX, esta cristandade passa por um processo de romanização (segundo período) que se estende até as primeiras décadas do século XX, quando o modelo de neocristandade (terceiro período) se afirma⁹.

Cada período destes tem suas particularidades e características, mas também certas semelhanças. Em linhas gerais, pode-se afirmar que o primeiro período é marcado pelo processo de sacramentalização (batismo em massa) e pela propagação do devocionismo (culto aos santos). Além do mais, o modelo de evangelização implantado neste período fazia parte de um discurso universalista, doutrinário e guerreiro, uma vez que “conquistar uma colônia para Portugal e um Reino para Deus foi o grande esforço de uma ordem na qual a cruz e a espada estavam em estreita ligação”¹⁰.

O segundo período traz em seu bojo a flexibilidade moral e a pastoral do medo. Roma toma para si as “rédeas” da evangelização nas terras brasileiras. Com um clero secular escasso e desqualificado intelectualmente, de conduta moral laxista, confiou-se às congregações religiosas (especialmente aos lazaristas e redentoristas) exercer o processo de moralização do clero e dar credibilidade à evangelização¹¹.

Chegamos assim ao terceiro período que significou um processo de romanização/europeização ainda maior do catolicismo popular brasileiro. Os mis-

⁸ Ibid., p.73-74.

⁹ Cf. Nilo AGOSTINI, *Ética e Evangelização: a dinâmica da alteridade na recriação da moral*, p.48. Para o autor, grosso modo, estes três períodos podem ser também divididos em dois: o da Cristandade (Colonial e do Brasil Império, com o sistema de padroado funcionando nos dois movimentos) e o da Neo-Cristandade (que é preparado pela romanização/europeização do catolicismo brasileiro) e se firma até o Concílio Vaticano II. A partir deste Concílio, inaugura-se um novo período, muito fecundo e criativo, que se chamaria de Nova-Evangelização, rompendo assim com o modelo de Neo-Cristandade.

¹⁰ Ibid., p.50.

¹¹ Ibid., p.60-61.

sionários europeus buscaram restaurar a vida católica entre o povo. Entre os meios mais utilizados, podemos destacar as missões populares, a propagação de novas devoções, a instituição de novas associações religiosas e a substituição das antigas festas religiosas por festas do calendário romano¹².

Finalmente, vale a pena salientar ainda que a evangelização destes cinco séculos foi profundamente marcada por uma catequese de doutrinação. O importante era assimilar os conteúdos fundamentais da fé e saber repeti-los de cor no dia da “celebração” dos sacramentos. Através dos catecismos de “perguntas e repostas” realizou-se basicamente a “evangelização” de nosso país¹³.

1.2 A liturgia que “herdamos” ao longo destes séculos

Decorrente deste processo de evangelização deficiente que acabamos de descrever, “herdamos” também um determinado tipo de liturgia. Uma liturgia implantada segundo os moldes medievais e pós-tridentinos, enriquecida de enorme rigor jurídico e excessivamente rubricista.

Algumas características marcam tal liturgia¹⁴: um ritual mágico feito pelo clero; liturgia intelectual, sem envolvimento afetivo e emocional na ação celebrativa; liturgia que não valoriza a assembléia litúrgica; liturgia de devoções, procissões e novenas; liturgia sacramentalista e de administração de sacramentais; liturgia que não articula fé e vida; liturgia onde predomina o individualismo; liturgia monolítica, romanizada; liturgia sem ênfase explícita ao mistério pascal de Cristo, centro de toda ação litúrgica.

Foi uma liturgia em que os sacramentos, especialmente o batismo, eram vistos “não como celebração (atualização) do mistério pascal em nossa vida, mas antes como ‘mágico’ remédio para curar os males, ou preveni-los, e manter uma boa relação de amizade com Deus, para escapar do perigo do inferno.

¹² Ibid. p.66.

¹³ Cf. José Ariovaldo da SILVA, Iniciação cristã dos negros escravos no Brasil: um testemunho documental significativo de 1707, *Revista de Liturgia* 169 (2002), p.33.

¹⁴ Cf. José Ariovaldo da SILVA, *O mistério celebrado: memória e compromisso*, Col. “Livros Básicos de Teologia”, vol.9, Espanha, Siquem Ediciones, 2002, p.54-55.

Conseqüência: a Igreja, em vez de ser um espaço de vivência comunitária da história da salvação pela liturgia, é vista como uma espécie de grande farmácia espiritual, com seus agentes de saúde credenciados na qualidade de ministros ordenados, aos quais se recorre nas necessidades individuais”¹⁵.

Foi justamente com esta liturgia “católica” que fomos evangelizados durante cinco séculos, o que formou neste continente uma típica cultura religiosa. Uma liturgia que não inicia na fé, na ação da caridade e do apostolado, na vivência e testemunho do mistério pascal, mas em rituais mágicos, sem conexão com a vida, destituída de toda a sua dimensão sacramental e profética.

1.3 Uma catequese extremamente teórica e doutrinária

Lembro-me ainda quando criança das expressões usadas: “ir para a doutrina”; “decorar os mandamentos e o creio”; “fazer o dever de casa”; “obedecer à professora de doutrina”. Todas estas expressões revelam-nos um determinado modelo de catequese, cuja característica básica reside na doutrinação, na transmissão de um conteúdo, na instrução única e exclusiva de verdades da fé. O importante neste modelo de catequese consiste em transmitir a doutrina, conhecer intelectualmente as verdades fundamentais da fé.

O documento “Catequese Renovada”, publicado em 1983, elenca alguns fatores responsáveis para que a catequese, particularmente a partir do século XVI, se concentrasse no aspecto da doutrinação e da instrução¹⁶:

- a) A preocupação com a clareza e a exatidão das fórmulas doutrinárias, em face das divisões no meio dos cristãos, no tempo da Reforma Protestante;
- b) A descoberta da imprensa e a difusão das escolas, que concentram a catequese nos textos para o ensino, isto é, nos catecismos.

¹⁵ José Arioaldo da SILVA, A liturgia que nossos índios e negros tiveram de “engolir”, *Revista de Liturgia* 159 (2000), p.5.

¹⁶ Cf. CNBB, *Catequese Renovada: orientações e conteúdos*, Documentos da CNBB 26, São Paulo, Paulinas, 1983, n.10-13.

- c) A influência do Iluminismo: segundo este movimento cultural, a inteligência humana, devidamente instruída, é capaz de encontrar sozinha a solução de todos os problemas da humanidade.

Este modelo de catequese, na verdade, por melhor estruturado que possa estar, não inicia verdadeiramente na fé e na vida de comunidade, mas tão somente em conceitos e dogmas sobre Deus, os sacramentos e a religião. E isto é tão problemático que em alguns lugares não conseguimos diferenciar ainda hoje, depois de toda a reflexão trazida pela *Catequese Renovada*, um encontro de catequese de uma “aula de religião”. A catequese acaba resumindo-se tão somente a conteúdos que devem ser transmitidos e assimilados, para no final do curso ser aprovado e receber um diploma.

Se não houver esta interação entre a vida e as formulações da fé, de pouco valerá o nosso esforço catequético. No entanto, tal interação deve ser buscada não só entre a mensagem da fé e a nossa vida, mas também entre a vida e as formulações da fé, uma vez que quando tal formulação se baseia a partir de paradigmas ou de modelos de vida já superados, elas perdem o seu sentido para a atualidade¹⁷.

É importante salientar ainda, à luz da *Catequese Renovada*, que as formulações da fé devem acompanhar a caminhada (crescimento) da fé na comunidade e responder às suas exigências. Formular apenas intelectualmente as mensagens da fé, sem o gancho existencial e experiencial, seria novamente cair na tentação de uma catequese feita ao lado e fora da vida¹⁸.

Conseqüência também deste modelo de catequese é a total ausência da dimensão litúrgica e toda a sua perspectiva celebrativa. A catequese perde assim a sua dimensão simbólico-sacramental, sua realidade sobrenatural, seu elemento mistérico¹⁹.

¹⁷ Cf. Pe. Luiz Alves de LIMA, Análise da realidade catequética, *Revista de Catequese* 80 (1997), p.24-25.

¹⁸ Cf. *Ibid.*, p.25.

¹⁹ Sobre este binômio: catequese e liturgia, refletiremos de forma mais detalhada e aprofundada ao final de nosso trabalho.

1.4 A compreensão errônea de catequese como “coisa para criança”

Para a grande maioria dos católicos, catequese é sinônimo de “coisa para criança”. Recentemente, por ocasião da II Semana Brasileira de Catequese (outubro de 2001), produziu-se um vídeo para auxiliar o estudo do tema da catequese com adultos²⁰. A primeira parte do vídeo resume-se a uma entrevista com católicos adultos sobre a pergunta: “*O que é catequese para você?*” Uma grande parcela dos entrevistados não soube responder. Mas dos que responderam algo, cerca de 90% afirmou que catequese é “coisa para criança”, “doutrina para ensinar as crianças sobre coisas da religião e da fé” etc.

Diante disso, constatamos que para a maioria dos católicos a catequese termina com a primeira eucaristia, por volta dos 10 ou 12 anos, data que marca para essas crianças a libertação da obrigatoriedade de freqüentar a Igreja.

D. Albano CAVALIN ilustra bem esta realidade:

*“Certa vez, ouvi contar esta história de uma criança falando com sua mãe:
_Mãe, quando vou ficar grande como o papai?
_Filho, por que você pergunta isso? Por acaso você já está querendo ir trabalhar com ele na fábrica?
_Não, mãe, nem sei onde ele trabalha! Só perguntei porque, quando for grande, não precisarei ir à Igreja!...”²¹.*

Diante desta infeliz e triste realidade, o teólogo J. GELINEAU questiona:

“Quando constatamos que o ensino recebido pelas crianças na catequese, ensino que em muitos casos, mesmo deixando as mais gratas recordações, se esvaziou sem ter deixado raízes, nem dado frutos, não será porque foi recebido como uma informação entre outras, ou como uma atividade entre outras?... a catequese deverá aparecer e ser primeiramente uma catequese permanente de adultos feita na assembléia dos fiéis. As crianças têm, porventura, a noção de que é neste ambiente que se preparam para o batismo? A escola primária conduz ao 2º grau e este, à universidade. E o catecismo conduz a quê? Para a maior parte, a comunhão solene marca o fim da prática religiosa. Eis que há meio século que se denuncia esta anomalia antipedagógica que faz da religião um assunto de criança”²².

²⁰ Cf. Vídeo: “*Catequese com adultos: crescer rumo à maturidade em Cristo*”, VERBO FILMES, 2001.

²¹ D. Albano CAVALIN, *apud* C. PULGA; R. BOSCARDIN, *Pais e filhos crescem juntos na fé*, S. Paulo, Paulinas, 1985, p.5.

²² J. GELINEAU, *apud* Ernesto do Nascimento PEREIRA, *A formação cristã de adultos: o grande desafio para a Igreja do III milênio*, Petrópolis, Vozes, 1994, p.19.

Quando enfatizamos que catequese é “coisa para criança”, acabamos nos esquecendo que “a verdadeira vida cristã é uma vida de adultos e que a própria excelência a que nós elevamos a organização infantil de nossa catequese poderá voltar-se contra a sua finalidade e dar ao adolescente que vai nascer a impressão deplorável de que o cristianismo é uma religião para o uso das crianças, uma religião que a criança tem o direito, se não o dever, de abandonar quando crescer”²³.

Para o teólogo Emílio ALBERICH, os sacramentos de “iniciação” dado às crianças são, muitas vezes, verdadeiros sacramentos de “conclusão”. Segundo ele, “o verdadeiro desafio para a nossa pastoral, é a crise do processo de iniciação cristã, isto é, do conjunto dos ritos e ações que deveriam garantir o acesso das novas gerações à fé e à vida cristã. De fato, a prática sacramental e catequética hoje em uso constitui para muitos o final de toda expressão religiosa, convertendo-se assim o processo de ‘iniciação’ em processo de ‘conclusão’. Não é sem razão que às vezes se chama a confirmação de ‘sacramento do adeus’ ou o ‘último sacramento’”²⁴.

1.5 Uma fé individualista, pouco eclesial

Nos primeiros séculos da era cristã, “a vivência fraterna na comunidade, celebrada principalmente na Eucaristia, representava a maneira mais alta de traduzir na vida a mensagem de Cristo Ressuscitado (1Cor 11, 17-29)”²⁵. Era na comunidade eclesial concreta que os cristãos faziam a experiência real da fé, davam testemunho de vida e eram iniciados na prática da caridade.

Decorrente deste cenário eclesial, também “a catequese introduzia progressivamente na participação da vida cristã dentro da comunidade. Animada pela fé, sustentada pela esperança, exercida através da caridade fraterna, a

²³ Cón. MANSURE, *apud* Ernesto do Nascimento PEREIRA, *A formação cristã de adultos: o grande desafio para a Igreja do III milênio*, p.20.

²⁴ E. ALBERICH, A catequese no contexto do Concílio Vaticano II e o pós-Concílio, *Revista de Catequese* 61 (1993), p.24.

²⁵ CR, n.4.

própria vida da comunidade fazia parte do conteúdo da catequese. Esta, por sua vez, era o instrumento a serviço de uma entrada consciente na comunidade de fé e da perseverança nela. Catequese e comunidade caminhavam juntas”²⁶.

Hoje assistimos a uma verdadeira inversão destes valores, cujo elemento característico é a vivência de uma fé intimista e privatizada. Aqui predomina a dimensão vertical da fé e a comunidade é praticamente anulada. O que importa é encontrar Deus no seu íntimo e com Ele estabelecer uma relação privada, independente dos acontecimentos, dos problemas da comunidade.

Em outras palavras, “assiste-se assim a uma religiosidade sem nenhuma exigência de conversão, sem nenhuma intervenção externa capaz de provocar naquele que crê um processo de adesão incondicional a Deus expresso na busca de conformidade sempre maior à sua vontade. Trata-se, ademais, de uma religião sem nenhuma objetividade. Os preceitos objetivos da religiosidade tradicional são considerados por demais *hard*. Propugna-se agora, neste novo quadro referencial, uma religião de caráter mais *light*, onde as necessidades e carências individuais passam a ocupar lugar de relevo, exercendo, portanto, a função de proeminência com relação às demais dimensões”²⁷.

A comunidade de fé torna-se um verdadeiro “mercado espiritual”, um “shopping-center da fé”, onde se busca suprir as necessidades e carências individuais. E é a partir desta perspectiva que muitos católicos vêm buscar os sacramentos, especialmente o batismo. O mesmo se diga dos sacramentais.

A título de exemplificação, normalmente a primeira pergunta que se faz quando se vem “marcar” o batizado do filho é: quanto custa? Muitos católicos literalmente “compram” os sacramentos e depois desaparecem “satisfeitos da vida” da comunidade. O resultado desta atitude é uma dissociação clara e evidente entre “a fé celebrada” e o engajamento na vida eclesial.

Ignora-se, por completo, que a dimensão comunitária é um dos aspectos essenciais do sacramento do batismo, uma vez que este significa “inserção no

²⁶ CR, n.7.

²⁷ Sinivaldo Silva TAVARES, Apostila do Curso de Trindade (2000), p.11.

corpo de Cristo, que é a Igreja, sacramento da salvação”²⁸. Além do mais, “não se pode desvincular batismo de comunidade. O batismo incorpora o homem à comunidade da Igreja para fazê-lo explicitamente participante da salvação e, pela sua vida em comunhão eclesial, ser sinal e instrumento de salvação no meio dos homens”²⁹.

1.6 Um povo muito “católico”, mas pouco cristão

No último dia 08 de maio deste ano de 2002, o IBGE divulgou para a grande imprensa os dados sobre religião no Brasil, coletados no Censo 2000. Percebe-se claramente que os números parecem seguir de perto a tendência já apontada nos Censos anteriores, embora com algumas diferenças³⁰:

- A diminuição da porcentagem dos católicos, de 83,8% (1991) para 73,8% (2000); em números absolutos, eles aumentaram no mesmo período de 121,8 para 125 milhões;
- O aumento da porcentagem de evangélicos: de 9,05% (1991) para 15,4% (2000); em números absolutos, de 13 para 26 milhões;
- O aumento dos sem religião, que passam de 4,8% da população (1991) para 7,3% (2000), de 7 para 12,3 milhões.

Embora tenha aumentado consideravelmente o número dos evangélicos e dos “sem religião”, observou-se que os católicos, apesar de terem diminuído, continuam sendo a expressiva maioria (73,8%). Diante desses números, costuma-se afirmar com muito contentamento que o Brasil é um país muito católico, quem sabe o mais católico do mundo.

²⁸ CNBB, *Pastoral dos Sacramentos da Iniciação Cristã*, 6.^a ed., Documentos CNBB n.2a, São Paulo, Paulinas, 1977, p.9.

²⁹ *Ibid.*, p.9.

³⁰ Cf. IBGE. Disponível em: <http://www1.ibge.gov.br/censo>. Acesso em: 19 de setembro de 2002.

Para o teólogo Alberto BECKHÄUSER o Brasil é “certamente católico porque é constituído na maioria de batizados. Outra questão, porém, é se nós brasileiros também somos realmente cristãos”³¹.

Destes 73,8% que se declaram católicos, apenas 5% são de fato “católicos participantes” e/ou “católicos praticantes”³², os demais são “católicos ocasionais”. E quem seriam estes “católicos ocasionais”? Na sua grande maioria, “são batizados e praticam sua fé e sua religião em algumas ocasiões da vida e do ano. São as quatro grandes ocasiões da vida, como o nascimento, através do batizado dos filhos, a primeira comunhão, o casamento e a morte com os ritos funerais na esperança da salvação eterna. São os sacramentos do ciclo da vida. Depois, a Sexta-feira Santa com a Procissão do Senhor Morto, a Festa do Padroeiro, uma romaria a algum santuário, quem sabe, Natal, e, quando acontece, a visita do Papa ou a visita de alguma imagem peregrina de Nossa Senhora”³³.

Diante desta realidade, podemos afirmar que o povo brasileiro é, de fato, muito “católico”, porém pouco cristão (iniciado na fé e na vida eclesial). Temos sim um catolicismo cultural, social, herdado de geração em geração, fruto de conveniências sociais, de tradições.

A criança nasce e é automaticamente batizada na “fé dos pais”, porque é costume e faz parte da cultura religiosa brasileira dos pais. Embora devamos considerar aqui o “princípio de solidariedade”³⁴, onde os pais querem sempre o melhor para seus filhos, ou seja, a fé, o problema, no entanto, reside na iniciação dos pais. Se eles não são iniciados na fé e na vida sacramental, como haverão de iniciar seus filhos? Como os filhos haverão de expressar quando adultos sua fé pessoal e incondicional em Jesus Cristo? Eis o grande desafio para iniciação cristã no Brasil!

³¹ Alberto BECKHÄUSER, *Os sacramentos na vida diária*, 2.^a ed., Petrópolis, Vozes, 1998, p.13.

³² Para Fr. Alberto BECKHÄUSER esta expressão “católico participante” ou “católico praticante” não é boa, pois também os “católicos ocasionais”, a seu modo, são “católicos praticantes”.

³³ Alberto BECKHÄUSER, *Os sacramentos na vida diária*., p.13.

³⁴ Sobre esta temática do “princípio de solidariedade”, cf. Alberto BECKHÄUSER, *Os sacramentos na vida diária*, p.46-47.

2. ACLARAMENTO DE CONCEITOS

2.1 A dificuldade terminológica e conceitual

Ao trabalharmos o tema da catequese com adultos³⁵, esbarramos com uma primeira dificuldade: a questão terminológica ou conceitual. Qual o termo mais adequado para indicar tal atividade: evangelização, nova evangelização, iniciação, re-iniciação, catecumenato, catequese, catequese ocasional, catequese permanente, formação permanente ou continuada, educação da fé? Dependendo da situação, deveriam entrar em cena diferentes caminhos, mas isto nem sempre é fácil de balizar.

Afinal, que catequese é essa que a Igreja está propondo? Quem são os adultos que necessitam de catequese? Numa Igreja em que muitos foram batizados quando criança, mas não foram evangelizados, deve-se falar de catequese ou anúncio missionário? E os que já conhecem algo sobre o Evangelho, de que tipo de catequese necessitam? E os adultos já batizados, com uma boa iniciação cristã, não precisam mais de catequese? Qual a diferença entre estes diversos termos aplicados à catequese com adultos? Qual a relação entre eles?³⁶

Vejamos alguns termos em particular, numa tentativa de melhor compreender a realidade da catequese com adultos³⁷:

- a) *Evangelização*: termo aplicado com mais freqüência ao primeiro anúncio de Cristo, à ação missionária. Num sentido mais amplo, toda ação da Igreja tem uma dimensão evangelizadora, uma vez que tudo

³⁵ Em nosso trabalho preferimos usar, seguindo a orientação da 2.^a SBC, a expressão “*catequese com adultos*” ao invés de “*catequese de adultos*”. A preposição “*com*” indica parceria, onde o adulto é tratado como sujeito no processo catequético e não como simples receptor de conteúdos, objeto de evangelização. Neste modelo de “*catequese com adulto*” o adulto aparece como protagonista do seu próprio crescimento na fé.

³⁶ Cf. Estudos da CNBB 80, p.55-56.

³⁷ Cf. Estudos da CNBB 80, p.55-76. Ao longo do desenvolvimento deste tópico estaremos usando também outras referências bibliográficas, que serão indicadas quando necessário.

que a Igreja é e faz anuncia Jesus ao mundo. No processo de evangelização deveríamos distinguir três etapas:

- *Ação missionária*: anuncia Jesus Cristo às pessoas que não o conhecem ou que, tendo-o conhecido, não aderiram a ele.
- *Ação catequética*: educa para a fé de Jesus Cristo os que optaram pelo Evangelho e necessitam de uma iniciação à vida cristã e eclesial.
- *Ação pastoral*: são as ações da Igreja, das quais os cristãos participam, exercendo a responsabilidade que vem de seu batismo. A ação pastoral conduz os cristãos já iniciados num processo contínuo de alimentação da fé, para que a ação possa ser cada vez mais esclarecida, operante, atualizada.

No passado, o termo evangelização era aplicado exclusivamente aos povos que ainda não conheciam Jesus Cristo. Hoje, significa também “anunciar a boa nova” para os povos ou comunidades da antiga cristandade, que tiveram contato com o Evangelho, mas vivem longe da fé e da Igreja. A isto chama-se também de “nova evangelização”.

- b) *Catequese*: é a educação progressiva e sistemática da fé. É o período em que se estrutura a conversão a Jesus Cristo, a partir daquela adesão inicial. Não é só o ensino de doutrinas e nem acontece exclusivamente onde tem esse nome. Esta compreensão mais alargada de catequese, nasce especialmente com a renovação trazida pelo Vaticano II.

Para Günter BIEMER é difícil definir com exatidão o termo catequese, uma vez que “na atual situação de novo enfoque existe a tendência a designar como catequese, de certa maneira, todas as atividades da Igreja que servem à sua expansão, renovação e auto-realização, e porque no dia-a-dia da pastoral entrecruzam-se as reali-

zações fundamentais que só se podem separar na teoria”³⁸. Segundo este mesmo autor, se quisermos falar da natureza da catequese, devemos abordá-la sob três sentidos³⁹:

- Em sentido próprio: a catequese é instrução elementar a cerca do ser-cristão, da fé cristã e do comportamento cristão, feita pelos pais e/ou catequistas comissionados pela Igreja, de acordo com planos e textos aprovados pelo magistério.
 - Em sentido mais restrito: a catequese é mais do que mera instrução ou transmissão da fé; ela não se volta só para crianças e jovens; está na mais estreita relação com todas as realizações essenciais da Igreja. À catequese, portanto, pertence tudo o que no decorrer de uma vida cristã é necessário para o fomento de consciência reflexa da fé e de conformação da vida segundo esta fé.
 - Em sentido mais largo: a catequese é uma formação de evangelização dos cristãos, como atividade da comunidade eclesial, como ação da Igreja que acompanha a vida inteira e sempre se refere à situação concreta do homem, pela qual os seus membros são capacitados para entender, celebrar e viver a boa-nova e a participar ativamente na construção desta comunidade e na difusão do Evangelho. Entende-se catequese como via para conhecer a fé e exercitar-se no seguimento de Jesus.
- c) *Catecumenato*: é uma tradição dos primeiros tempos do cristianismo (séc. IV e V), onde os adultos desejosos de serem membros da Igreja passavam por um processo de iniciação em etapas, até receberem os

³⁸ Günter BIEMER, Verbetete “Catequese”, *DICIONÁRIO DE CONCEITOS FUNDAMENTAIS DE TEOLOGIA*, dirigido por Peter Eicher, São Paulo, Paulus, 1993, p.72.

³⁹ Cf. *Ibid.*, p.72.

três sacramentos da iniciação: batismo, crisma e eucaristia⁴⁰. A catequese catecumenal dirige-se preferencialmente para aqueles adultos que ainda não receberam os sacramentos da iniciação.

Para o Diretório Geral para a Catequese⁴¹, o catecumenato é um processo de formação específica, mediante a qual o adulto convertido à fé é levado à confissão da fé batismal e à recepção dos sacramentos da iniciação durante a vigília pascal e, em seguida, à inserção plena na comunidade eclesial⁴².

- d) *Formação ou educação permanente/continuada*: para aqueles que já foram suficientemente iniciados na fé, chamados também de cristãos maduros, a Igreja possui inúmeras iniciativas pastorais, que recebem o nome de educação ou formação permanente⁴³. A Igreja, iluminada pela reflexão na área da pedagogia, tem consciência também de que a educação é um processo para a vida inteira. Desde pequeno até o final da vida, o ser humano está continuamente aprendendo algo. A Igreja incorporou tal dimensão, através da expressão “educação permanente ou continuada”.

São muitas as maneiras de alimentar esta formação permanente: liturgias dominicais; palestras; campanhas da fraternidade; estudo da Sagrada Escritura; cursos de teologia para leigos etc.

Esta educação ou formação permanente constitui, em sentido lato, uma verdadeira catequese com adultos. No entanto, devemos estar

⁴⁰ Quando usamos aqui o termo catecumenato não estamos nos referindo ao chamado movimento do neo-catecumenato; estamos falando de um processo em etapas, que pode ter muitas formas e ser adaptado de acordo com as necessidades.

⁴¹ O Diretório Geral para a Catequese (DGC), promovido pela Congregação do Clero, foi realizado por um grupo de bispos e especialistas em teologia e catequese. Reelaborado a partir do Sínodo dos Bispos (1985) e da publicação do Catecismo da Igreja Católica, procura adaptar suas diretrizes às novas situações humanas e eclesiais, conservando, todavia, a estrutura de fundo do antigo Diretório Catequético Geral (DCG), publicado em 1971. O atual diretório foi aprovado pelo Papa João Paulo II, no dia 15 de agosto de 1997. As orientações nele contidas esclarecem a natureza da catequese e as normas e critérios que regem o ministério evangelizador da Igreja.

⁴² Cf. Congregação para o Clero, *Diretório Geral para a Catequese* (DGC), 2.^a ed., São Paulo, Paulinas / Loyola, 1999, n.88-91.

⁴³ Cf. DGC, nn.69-72, 233-234, 247.

atentos a não relacionar de forma simplista estes dois elementos, pois corremos o risco de transformar todas as atividades da Igreja em catequese, caindo assim numa espécie de pancatequismo.

Para a Segunda Semana Brasileira de Catequese “catequese com adultos” e “formação permanente” são termos muitos relacionados e complementares, mas deveríamos fazer uma certa distinção. A expressão “catequese com adultos” deveria referir-se prioritariamente à atividade dirigida a adultos ainda não batizados. Somente num segundo momento, também poderia ser usada para adultos já batizados, que, porém, necessitam de uma introdução mais aprofundada nos mistérios do cristianismo, nas riquezas da vida cristã. Até mesmo para adultos que já foram crismados e fizeram a primeira eucaristia, mas que não foram iniciados verdadeiramente no seguimento de Jesus.

Percebemos que não é fácil fazer a devida distinção entre catequese de iniciação e formação permanente. Os documentos mais recentes da Igreja, especialmente o DGC, falarão de “catequese permanente”⁴⁴, ou seja, uma catequese progressiva e ordenada que perdura toda a vida do cristão. Este mesmo termo é assimilado também pela *Catequese Renovada*⁴⁵.

- e) *Iniciação*: é um processo pelo qual a pessoa passa a conhecer e a vivenciar os fundamentos da fé, dando início consciente ao seu compromisso com o projeto de Jesus e se familiarizando com os elementos básicos da Igreja. É a função básica da catequese.

Para muitos essa iniciação acontece na infância e na juventude; outros são iniciados na catequese com adultos. Há pessoas que passam por uma iniciação insuficiente e aquelas que se afastaram da fé e precisam ser re-iniciadas.

⁴⁴ Cf. DGC, nn.71-72, 82, 232, 235, 275.

⁴⁵ Cf. CR, nn. 129, 318.

2.2 A catequese a serviço da iniciação cristã

Não basta apenas “dar catequese”, transmitir a fé, mas faz-se necessário colocar a catequese a serviço de uma verdadeira iniciação cristã na fé de Jesus Cristo⁴⁶ e na vida da comunidade.

A catequese está diretamente ligada ao serviço da iniciação cristã, uma vez que sua atividade específica é introduzir os catequizandos já batizados e também os catecúmenos no estilo evangélico de vida, nos mistérios da fé, no seguimento e doutrina de Jesus, com suas implicações na maneira de conviver e na necessidade de transformar o mundo.

A iniciação se dará primeiramente como uma formação orgânica e sistemática da fé, ou seja, uma compreensão de catequese em seu sentido mais estrito. No entanto, tal formação é mais do que um simples ensino: é um aprendizado de toda a vida cristã, “uma iniciação cristã integral”, que favorece o verdadeiro seguimento de Jesus Cristo⁴⁷. Caso contrário, a catequese não terá cumprido a sua verdadeira missão, ou seja, iniciar na fé de Jesus .

A catequese não pode reduzir-se a uma iniciação superficial na fé, não pode ser “um verniz de cristianismo” ou um “cursinho de admissão à Igreja”. Trata-se de uma caminhada, de um longo processo vital de introdução dos cristãos ainda não iniciados, seja qual for a sua idade, nos diversos aspectos essenciais da fé cristã.

Mas a catequese não pára aí. A catequese de iniciação deverá abrir-se também para sua dimensão de formação permanente da fé. A catequese de iniciação lança, num primeiro momento, as bases da fé. Mas esta fé precisa ser sustentada, alimentada, fortalecida, por isso insiste-se tanto numa catequese como processo de iniciação e aprofundamento permanente da fé. Do contrá-

⁴⁶ A expressão “fé de Jesus Cristo” é usada aqui propositalmente para diferenciar-se de “fé em Jesus Cristo”. Várias pessoas têm hoje muita fé em Jesus Cristo, acreditam nele, pedem a ele para resolver os seus problemas pessoais (Jesus é identificado como uma espécie de santo, de milagreiro, um curandeiro com o qual se negocia), mas poucas pessoas têm a fé de Jesus Cristo, ou seja, a missão confiada pelo Pai para implantação do Reino de Deus, reino de vida e fraternidade em abundância.

⁴⁷ Cf. DGC, n.67.

rio, a catequese corre o risco de tornar-se estéril e inútil, uma atividade circunstancial na vida dos batizados.

3. O FENÔMENO DA INICIAÇÃO CRISTÃ

O termo “iniciação”, especialmente no tocante à realidade que ele exprime e evoca, não foi ainda plenamente assimilado por nós cristãos. Quando falamos em “iniciação”, carregamos conosco um certo preconceito, uma vez que o ligamos normalmente às religiões afro-brasileiras ou mesmo aos centros espíritas⁴⁸. Desta forma, segundo Alberto BECKHÄUSER, “nós cristãos católicos esquecemo-nos de que também nós temos que passar por todo um processo de iniciação à vida cristã, inclusive com ritos de iniciação. O fato de esta iniciação estar ausente ou falha, o nosso catolicismo é como é: uma vida cristã de prática ocasional”⁴⁹.

Não pretendemos oferecer aqui um amplo estudo sobre o fenômeno da iniciação, pois estaríamos assim nos desviando de nosso objetivo. Limitamo-nos a recolher e apresentar resumidamente alguns pontos que julgamos necessários e importantes para uma melhor compreensão de nosso tema de pesquisa.

3.1 O conceito de iniciação

Etimologicamente, o termo “iniciação” tem sua origem na língua latina: *in-ire*: entrar dentro de, introduzir-se. Designa, sobretudo, as mediações ou ritos pelos quais “se entra” num grupo determinado, associação ou religião. O conceito está relacionado semanticamente com os termos “*initium*”, ou seja, entrar em algo novo, começo ou princípio de algo, e “*introductio*” que signi-

⁴⁸ Cf. Alberto BECKHÄUSER, *Os sacramentos na vida diária*, p.22.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 22-23.

fica levar para dentro, introduzir ou começar a entrar. O termo “iniciação” significa, pois, o começo de algo, um processo, atividade ou etapa a ser percorrida⁵⁰.

Em sentido amplo, o termo “iniciação” constitui-se numa rica categoria antropológico-cultural e está presente, sobretudo, na história das religiões. A “iniciação” refere-se, portanto, a um conjunto de ritos e de ensinamentos orais, cuja finalidade é produzir uma radical modificação no estatuto social e religioso da pessoa que é iniciada.

Para Mircea ELIADE, um dos grandes especialistas neste assunto, o termo iniciação indica “um conjunto de ritos e ensinamentos orais, destinados a realizar uma transformação do estatuto religioso e social do iniciado. Do ponto de vista filosófico, a iniciação equivale a uma mutação ontológica existencial. No final das provas, o neófito goza de uma existência totalmente diferente da que possuía antes: transformou-se em outro. Para tanto, a iniciação modifica o estatuto do iniciado de modo radical. Equivale a uma troca ontológica do modelo de vida do iniciado. O neófito é introduzido plenamente na comunidade humana e no mundo dos valores espirituais”⁵¹.

Também para M. MESLIN, outro grande estudioso do fenômeno da iniciação, “qualquer iniciação é um fenômeno complexo e ambivalente. Consiste em levar o indivíduo, mediante certas instruções especiais, ao conhecimento de certos dados até então ocultos, e introduzi-lo num grupo determinado, numa sociedade secreta, onde o mesmo é chamado a viver uma nova existência. O conteúdo desta iniciação se pode definir como um conjunto constituído por ritos altamente simbólicos e ensinamentos ético-práticos, com objetivo de adquirir um certo poder e uma certa sabedoria, baseados num conhecimento esotérico, e que irá desembocar na modificação da posição social ou religiosa do indivíduo”⁵².

⁵⁰ Cf. Dionisio BOROBIO, *La iniciación cristiana*, Salamanca, Ediciones Sigueme, 1996, p.18-19; Miguel Angel KELLER, *La iniciación cristiana* (Colección de textos básicos para seminarios latinoamericanos), Santafé de Bogotá, CELAM, 1995, p.13.

⁵¹ Mircea ELIADE, *apud* Dionisio BOROBIO, *La iniciación cristiana*, p.19.

⁵² *Ibid.*, p.19.

Destas duas definições conceituais, dois elementos merecem ser sublinhados: o primeiro, explorado de forma mais detalhada por M. ELIADE, refere-se à dimensão de “transformação existencial” que a iniciação produz. O indivíduo é convidado a romper radicalmente com uma determinada realidade para ingressar numa realidade totalmente nova e diferente. Uma vez iniciado, o indivíduo transforma-se, vive uma existência qualitativamente nova e distinta da anterior.

O segundo elemento a ser destacado refere-se ao conteúdo da iniciação. Segundo M. MESLIN, toda iniciação (seja ela cultural, antropológica ou religiosa) carrega consigo um elemento “simbólico” que introduz o indivíduo, mediante certos ritos e provas, a viver uma existência renovada. Além do mais, a iniciação traz consigo também “ensinamentos ético-práticos”, ou seja, o indivíduo iniciado deverá viver de forma nova e distinta dos demais, ter uma determinada postura de vida, ser diferente de quem não foi ainda iniciado.

3.2 Elementos característicos da iniciação

Numa tentativa de sistematização do que dissemos acima, apresentamos a seguir alguns elementos característicos e constantes do fenômeno da iniciação, especialmente na história das religiões⁵³:

- a) *Segregação*: toda iniciação traz consigo um elemento de separação (rompimento) com o ambiente ordinário para entrar num “lugar” até então desconhecido. O iniciando deverá morrer simbolicamente para a existência anterior e iniciar uma vida nova, qualitativamente diferente.

⁵³ Cf. Victor CODINA; Diego IRARRAZAVAL, *Sacramentos de Iniciação: água e espírito de liberdade* (Col. Teologia e Libertação), Petrópolis, Vozes, 1988, p.48-49.

- b) *Iniciação aos mitos*: o iniciando é introduzido na história religiosa da comunidade, em suas origens, aprende de forma concentrada os princípios da doutrina, os seus elementos ético-práticos. Normalmente esta transmissão é feita por anciãos, pessoas maduras e experientes que têm como tarefa iniciar a nova geração.
- c) *Provas e ritos iniciáticos*: de forma simbólica e ritual, o iniciando é convidado a “morrer” para assim poder renascer transformado para uma nova existência. Os ritos geralmente são de tipo funerário: despojamento das roupas, aprisionamento, incisões, lacerações, queimaduras, circuncisão, etc.
- d) *Volta ao mundo como uma pessoa nova*: uma vez superadas as provas, o iniciado volta à vida, mas já transformado por dentro. É um novo nascimento que o integra numa comunidade, numa história, numa tradição religiosa, como membro de plenos direitos e deveres. Agora o indivíduo é “adulto” e, portanto, poderá ser iniciado nos ofícios e trabalhos próprios da comunidade. É então capaz de assumir responsabilidades, responder pelos seus atos.

3.3 A dinâmica da iniciação em nossos dias

O mundo moderno e secular possui iniciações próprias, desligadas normalmente da esfera religiosa, tais como: a escola, a política, o serviço militar, as “tribos” juvenis, o mundo dos esportes, as celebrações de quinze anos, as diversas profissões etc. Poderíamos falar assim de uma espécie de iniciação secular, natural ou cultural.

Normalmente estas iniciações seculares, semelhante à iniciação das religiões, carregam consigo dois elementos que se inter-relacionam: um de ordem

teórica e outro de ordem prática. Tomemos o exemplo de uma profissão: um dentista.

A pessoa não se torna dentista da noite para o dia, automaticamente. Esta deverá cursar uma faculdade, ter um amplo conhecimento teórico e prático de sua profissão. Não basta só a teoria nem só a prática, é preciso conciliar as duas. Ao longo deste aprendizado, o jovem estudante será acompanhado por alguém mais experiente, iniciado na profissão de dentista. Finalmente, depois de uma longa etapa de estudos teóricos e práticos, o estudante receberá o diploma, poderá exercer com competência a sua profissão. Agora terá seu nome registrado oficialmente no conselho regional dos odontólogos, é alguém capacitado oficialmente. Do ponto de vista antropológico-cultural, realizou-se aí uma transformação existencial, uma verdadeira iniciação.

Nós deveríamos dar mais valor para estes momentos importantes na vida das pessoas, como é o caso do recebimento de um diploma. Tais cerimônias carregam consigo uma dimensão simbólico-ritual, constituindo-se em verdadeiros ritos de passagem. Até mesmo os famosos “trotes”, ainda que por vezes exagerados, deveriam ser vistos com bons olhos, uma vez que marcam para os calouros o começo de uma nova vida: o mundo da universidade, das responsabilidades, da vida adulta.

3.4 A originalidade da iniciação cristã

A expressão “iniciação cristã” não é usada durante os primeiros séculos da era cristã, justamente para evitar qualquer confusão com as religiões místicas e os ritos do paganismo. Os escritos neotestamentários desconhecem por completo o termo “iniciação”. Somente a partir do século IV e, progressivamente, os Padres da Igreja assumiram e utilizaram a expressão “iniciação cris-

tã”⁵⁴ para referir-se ao processo mediante o qual os crentes entram na plenitude da vida cristã, incorporando-se ao mistério de Cristo e da sua Igreja⁵⁵.

Com certeza, a iniciação cristã não foi uma simples cópia da iniciação típica das religiões místicas. No entanto, isto não nos permite afirmar que o cristianismo primitivo tenha estruturado sua iniciação a partir do nada. Também ele “assimilou e introduziu muitos elementos da iniciação religiosa comuns a toda a história religiosa da humanidade. Fazendo isso, não renegou a identidade cristã, mas fez com que o cristianismo se tornasse como que fermento e levedo da humanidade”⁵⁶.

Para Miguel Angel KELLER, teólogo e pastoralista, a novidade e originalidade da iniciação cristã consistem nos seguintes tópicos⁵⁷:

- a) *Iniciativa da graça divina*: enquanto os demais tipos de iniciação normalmente caracterizam-se por um esforço pessoal do ser humano em atingir Deus, a iniciação cristã apresenta-se como graça, resposta livre e gratuita ao dom de Deus.
- b) *Sentido universal*: o chamado e o processo de iniciação cristã dirige-se a todo ser humano, sem diferença de raça, sexo ou classe social. O término do processo de iniciação é a incorporação ao único Povo de Deus e não a pertença a uma classe elitista de privilegiados.

⁵⁴ Referimo-nos aqui tão somente ao emprego do termo “iniciação cristã”, uma vez que na prática já havia iniciação cristã desde os inícios do século III, conforme nos é atestado pela obra “Tradição Apostólica” de Hipólito de Roma, ao descrever de forma minuciosa e detalhada o rito litúrgico dos sacramentos da iniciação cristã.

⁵⁵ Cf. Miguel Angel KELLER, *La iniciación cristiana*, p.18. Em nossa pesquisa não trataremos das estruturas de iniciação do Antigo e Novo Testamento, nem da organização do catecumenato e de sua evolução histórica. Um estudo mais amplo e detalhado sobre o tema da “iniciação cristã”, encontramos em: J. Castellano CERVERA, Verbete “Iniciação cristã”, *DICIONÁRIO DE ESPIRITUALIDADE*, org. por Stefano de FIORES e Tullo GOFFI, São Paulo, Paulinas, 1989, p.573-585.

⁵⁶ Victor CODINA; Diego IRARRAZAVAL, *Sacramentos de iniciação*, p.49.

⁵⁷ Cf. Miguel Angel KELLER, *La iniciación cristiana*, p.19-21.

- c) *Processo aberto de conversão*: a iniciação cristã é um processo aberto e nunca acabado de conversão contínua. O iniciado nunca “é” já perfeitamente cristão (iniciado), mas deve comprometer-se em iniciar-se durante toda a vida.
- d) *Relação direta com a pessoa de Jesus Cristo e seu mistério pascal*: a iniciação cristã não se resume a um simples conhecimento de uma doutrina, mas caracteriza-se essencialmente pelo encontro com uma pessoa concreta (Jesus Cristo), donde brota uma atitude de vida (seguimento/discipulado à luz do mistério pascal).
- e) *Um processo comunitário*: a iniciação cristã supõe uma adesão pessoal a Jesus Cristo numa comunidade eclesial concreta. A comunidade deverá ser para o iniciado como que um “útero materno” a partir donde o cristão é gerado.
- f) *Uma iniciação teórico-prática*: a iniciação cristã conduz a uma conversão teórico-prática⁵⁸ (ortodoxia e ortopráxis). A Palavra de Deus, revelada plenamente em Jesus de Nazaré, é aceita pela fé e vivida pelo cristão através de uma conduta de vida.

Numa tentativa de complementação do que descremos acima, vejamos o que diz Dionísio BOROBIO, outro grande teólogo estudioso do fenômeno da iniciação cristã, acerca das características mais importantes da mesma⁵⁹:

⁵⁸ Para Fr. Alberto BECKHÄUSER toda religião, mas especialmente a religião católica, carrega consigo este elemento teórico-prático. O cristão iniciado é convidado a dar uma resposta de vida tanto na celebração como na ação concreta da vida. Daí se poder dizer que a iniciação cristã é “um processo de introdução das pessoas no conhecimento de Jesus Cristo, na resposta de fé a ele e na prática de vida, de acordo com essa fé. Isto supõe todo um processo de adesão de fé, de conversão a Cristo, de seguimento a ele como discípulo e discípula, com todas as suas consequências” (Alberto BECKHÄUSER, *Os sacramentos na vida diária*, p.23-24).

⁵⁹ Cf. Dionísio BOROBIO, *La iniciación cristiana*, p.35-39.

- a) *Uma iniciação totalizante*: a iniciação cristã é uma iniciação totalizante, enquanto se dirige e abarca todas as esferas e dimensões do ser humano: racional, emocional, simbólica, espiritual, corpórea, existencial e vital. Uma iniciação unidimensional não é verdadeira iniciação cristã.
- b) *Uma iniciação relacionante*: porque a iniciação cristã é um processo que mexe com todo o mundo relacional: consigo mesmo, com os demais, com o mundo e com Deus. As relações se modificam qualitativamente, ganham um novo colorido, recebem um novo vigor.
- c) *Uma iniciação dinâmica*: a iniciação cristã comporta um “antes”, um “em” e um “depois”, ou seja, a iniciação não tem um fim vital, mas se manifesta na sua progressividade, na sua tensão até o futuro (dimensão escatológica). Sempre necessitamos de uma certa re-iniciação, porque nunca chegamos a viver plenamente o mistério no qual fomos iniciados.

A partir destas três características marcantes da iniciação cristã, o teólogo Dionisio BOROPIO apresenta ainda três elementos específicos da iniciação cristã em relação aos demais tipos de iniciação⁶⁰:

- a) *O conteúdo da iniciação*: aquele que deseja ser cristão não é iniciado em qualquer mistério, mas no mistério pascal de Cristo; não em qualquer Deus, mas no Deus de Jesus Cristo; não em qualquer tipo de vida nova, mas na vida nova do Espírito. O conteúdo da iniciação cristã é, portanto, um conteúdo original e irrepetível: recorda a livre e gratuita intervenção de Deus, que se aproxima do ser humano para salvá-lo por Cristo na força do Espírito Santo. O ser humano, além

⁶⁰ Dionisio BOROPIO, *La iniciación cristiana*, p.37-39.

do mais, é chamado a colaborar no processo de salvação, constituído assim em comunidade eclesial de salvação.

- b) *As mediações da iniciação*: no cristianismo não se realiza a iniciação por qualquer mediação comunitária, senão pela mediação da comunidade eclesial, Corpo de Cristo e Templo do Espírito Santo. Esta mediação da Igreja universal concretiza-se de forma específica na Igreja local e na comunidade concreta dos fiéis (escuta da Palavra, participação ativa nas celebrações, prática da caridade, exercício dos ministérios).

- c) *Atitude de fé evangélica e participação ativa do iniciado*: somos iniciados não por qualquer atitude pessoal subjetiva, mas por aquela atitude que supõe a conversão pessoal e adesão firme a Cristo e à sua Igreja. Ao iniciando não basta apenas a crença mítico-mágica de uma religião, mas a fé evangélica e a atitude de conversão, tal como nos foi transmitida historicamente pela comunidade eclesial. Não basta apenas uma mudança de mente e coração, mas uma transformação total e radical da vida, de seus costumes e atos, em correspondência ao Evangelho e suas exigências.

3.5 O qualificativo essencial da iniciação cristã: o seguimento de Jesus Cristo

A iniciação cristã, mais do que iniciação teórica a um conjunto de doutrinas e verdades da fé, implica fundamentalmente no seguimento concreto de uma pessoa: Jesus Cristo. Nele o cristão é convidado a modelar a sua vida, a pautar as suas ações, a redimensionar suas atitudes. Esta iniciação, por sua

vez, não termina com a celebração dos sacramentos, mas tem um caráter de continuidade, de permanência, de duração de uma vida.

A iniciação cristã caracteriza-se primeiramente por um encontro pessoal. A palavra de Deus, antes de ser algo, é Alguém, uma pessoa concreta: “*No próprio centro da catequese, encontramos essencialmente uma pessoa: a de Jesus de Nazaré (...). Neste sentido, a meta definitiva da catequese consiste em pôr a pessoa não só em contato, mas em comunhão, em intimidade com Jesus Cristo*”⁶¹.

A doutrina comunicada no processo de iniciação “não é um corpo de verdades abstratas: ela é comunicação do mistério vivo de Deus”⁶², o que significa dizer que a fidelidade a uma pessoa viva é algo de infinitamente mais existencial, dinâmico, concreto e livre do que a fidelidade a um determinado quadro doutrinal ou sistema de verdades.

Para o DGC a adesão a Jesus Cristo instaura no cristão um processo de conversão permanente que dura toda a sua vida. Pois “quem acede à fé é como uma criança recém-nascida que, pouco a pouco, crescerá e se converterá num ser adulto que tende ao ‘estado de homem perfeito’, à maturidade da plenitude em Cristo”⁶³.

Atento ao convite do mestre Jesus: “*Sede perfeitos como o vosso pai celeste é perfeito*” (Mt 5,48), o cristão ingressa pelo batismo na seqüela de Cristo, inicia um caminho de perfeição⁶⁴. Tem consciência ainda de que esta perfeição não se alcança da noite para o dia, mas faz-se necessário percorrer o caminho feito pelo mestre.

⁶¹ JOÃO PAULO II, *Catechesi Tradendae* (CT) – Doc. Pontifícios, 4.^a ed., Petrópolis, Vozes, 1984, n.5.

⁶² CT, n.7.

⁶³ DGC, n.56.

⁶⁴ O tema do “caminho” é uma constante nos textos bíblicos, especialmente do Novo Testamento (Jo 14,6; Lc 10,4; Lc 19,28; Lc 24,15; Mt 21,8; Mc 6,8; At 9,3; Rm 11,33; 1Cor 12,31; 1Ts 3,11; Ap 15,3). Os primeiros discípulos, antes de serem chamados de “cristãos” em Antioquia, eram conhecidos como “*adeptos do caminho*” (At 9,2). O “caminho” significava o lugar da revelação do Senhor, um itinerário de fé, de seguimento de uma pessoa concreta: Jesus Cristo. É caminhando no “caminho” que o discípulo faz a verdadeira experiência de encontro com o Senhor.

O cristão é convidado a seguir o caminho de Jesus, ou seja, “o que os discípulos fizeram pelos caminhos da Galiléia e da Judéia até a cruz, acompanhando fisicamente Jesus e comungando sempre mais de sua vida e de seu ideal, deve ser feito hoje, em nosso meio”⁶⁵. Isto significa para o cristão que “a fé não é só uma adesão intelectual, um conhecimento da doutrina de Jesus. Ela é uma opção de vida, uma adesão de toda a pessoa humana a Cristo, a Deus e a seu projeto para o mundo”⁶⁶.

Além do mais, este seguimento de Jesus não se dá de forma isolada, subjetiva, mas na comunidade fraterna. Deste modo, o seguimento de Jesus consiste em juntar-se, fraternalmente, aos outros discípulos. Assim a fé, nascida na comunidade da Igreja, renova permanentemente a própria comunidade a partir da sua raiz profunda, a comunhão com Deus, e gera novas comunidades eclesiais. A comunidade torna-se então missionária, testemunha viva do Evangelho⁶⁷.

⁶⁵ CR, n.64.

⁶⁶ Ibid., n.64.

⁶⁷ Cf. Ibid., n.65-66.

CAPÍTULO II – RUMO A UMA CATEQUESE COM ADULTOS

1. A CATEQUESE COM ADULTOS COMO FORMA PRIVILEGIADA DA INICIAÇÃO CRISTÃ

1.1 Consciência crescente da Igreja para a necessidade da catequese com adultos

Há muito tempo, mas especialmente depois do Concílio Vaticano II, a Igreja vem se preocupando seriamente com a iniciação cristã dos adultos. Para Ernesto do Nascimento PEREIRA, “trata-se de verdadeiros apelos de quem percebeu que, sem formação de adultos na fé, o cristianismo corre sérios riscos de desagregação, dado o ambiente adverso das sociedades modernas”⁶⁸. Para focalizar a necessidade desta mobilização apresentamos alguns textos que nos parecem mais expressivos e cuja autoridade não pode ser contestada.

O primeiro texto é o decreto conciliar *Christus Dominus*, sobre o ofício pastoral dos bispos: “Vigiem os bispos para que se dê, com diligente cuidado, a instrução catequética, cujo fim é que a fé, ilustrada pela doutrina, se torne viva, explícita e ativa, tanto para crianças e adolescentes, como também para os adultos”⁶⁹. Também a constituição dogmática *Sacrosanctum Concilium*, que reflete sobre a sagrada liturgia, insiste: “Restaure-se o catecumenato de adultos, distribuído em várias etapas, cuja prática dependerá do juízo do Ordinário do lugar...”⁷⁰.

A Segunda Conferência do Episcopado Latino-Americano em Medellín (1968), atenta aos apelos do Concílio Vaticano II, insistiu nessa restauração

⁶⁸ Ernesto do Nascimento PEREIRA, *A formação cristã de adultos*, p.84.

⁶⁹ Decreto *Christus Dominus* (ChD) – Compêndio do Vaticano II, 27.^a ed., Petrópolis, Vozes, 1998, n.14.

⁷⁰ Constituição Dogmática *Sacrosanctum Concilium* (SC) – Compêndio do Vaticano II, 27.^a ed., Petrópolis, Vozes, 1998, n.64.

catecumenal pedindo catequese “eminente evangelizadora”, que abarque a “evangelização dos batizados” ou “reevangelização dos adultos” que inclua “novas formas de catecumenato na catequese de adultos”. Vejamos o que dizem os bispos:

“Apesar desse pluralismo de situações, nossa catequese tem um ponto comum em todos os meios: tem de ser eminentemente evangelizadora, sem pressupor uma realidade de fé, senão após oportunas constatações.

Já o fato de se batizar as crianças pequenas, confiando na fé da família, torna necessário uma ‘evangelização dos batizados’, como uma etapa na educação de sua fé. E esta necessidade é mais urgente, quando se considera a desintegração que a família tem sofrido em muitas regiões, a ignorância religiosa dos adultos e a escassez de comunidades cristãs de base.

Essa evangelização dos batizados tem um objetivo concreto: levá-los a um compromisso pessoal com Cristo e a uma entrega consciente à obediência da fé. Daí a importância de uma revisão da pastoral da confirmação, assim como de novas formas de catecumenato na catequese de adultos, insistindo na preparação dos sacramentos.

Devemos rever também tudo aquilo que em nossa vida ou em nossas instituições possa ser um obstáculo para a reevangelização dos adultos, purificando assim a face da Igreja diante do mundo”⁷¹.

Em 1971, a Congregação do Clero promulga o Diretório Catequético Geral e insiste de forma veemente: “A catequese de adultos, ao ir dirigida aos homens capazes de uma adesão plenamente responsável, deve ser considerada como a forma principal de catequese, à qual todas as outras, sempre certamente necessárias, de algum modo se ordenam”⁷².

Em 1972, a Congregação para o Culto Divino, consciente dos apelos do Concílio Vaticano II, especialmente da *Sacrosanctum Concilium*, que havia determinado a revisão do Rito de Batismo de Adultos e a restauração do catecumenato, bem como do Diretório Catequético Geral, publica o Rito de Iniciação Cristã de Adultos (RICA).

Infelizmente o RICA não foi descoberto em toda a sua riqueza litúrgica e pastoral, permanecendo um “eterno desconhecido” de muitos padres e bispos. Mesmo possuindo um Ritual próprio, continuou-se a batizar os adultos com o Ritual de crianças. Em 2001, por ocasião da II Semana Brasileira de Catequese, a CNBB republica o Ritual da Iniciação Cristã de Adultos. Segundo D.

⁷¹ Conclusões da Conferência de *Medellín* – 1968, São Paulo, Paulinas, 1988, n.8,9.

⁷² DCG, n.20.

Geraldo Lyrio ROCHA, bispo responsável pela Liturgia na CNBB, o Ritual “oferece extraordinária riqueza litúrgica e preciosa fonte pastoral, especialmente na catequese de adultos e particularmente no que se refere ao restabelecimento do catecumenato na Igreja Latina”⁷³.

A novidade apresentada em relação às edições anteriores consiste basicamente no novo formato do Ritual e na sua disposição gráfica. Além do mais, o Ritual traz também as mudanças exigidas pelo novo Código de Direito Canônico publicado em 1983, bem como uma série de textos bíblicos para enriquecer ainda mais as celebrações litúrgicas dos sacramentos da iniciação cristã de adultos. O Ritual está dividido em sete capítulos e um apêndice, a saber:

Cap. I – Ritos do catecumenato em torno de suas etapas;

Cap. II – Rito simplificado para a iniciação de adultos;

Cap. III – Rito abreviado de iniciação de adultos em perigo ou artigo de morte;

Cap. IV – Preparação para a Confirmação e a Eucaristia de adultos que, batizados na infância, não receberam a devida catequese;

Cap. V – Rito de iniciação de crianças em idade de catequese;

Cap. VI – Textos diversos na celebração da iniciação de adultos;

Cap. VII – Textos omitidos no ordenamento prático geral dos ritos de iniciação cristã de adultos;

Apêndice: Rito de admissão na plena comunhão da Igreja Católica das pessoas já batizadas validamente.

Paulo VI, na *Evangelii Nuntiandi* (1975), insistiu em que a pastoral catecumenal fosse apta “para um grande número de pessoas, que receberam o batismo, mas vivem à margem de toda a vida cristã”⁷⁴. Por isso se faz “cada

⁷³ Apresentação do RITUAL DA INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS (RICA), São Paulo, Paulus, 2001, p.7.

⁷⁴ PAULO VI, Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (EN) in: Documentos da Igreja 3, São Paulo, Paulus, 1997, n.44.

dia mais urgente o ensino catequético sob a modalidade de catecumenato para um grande número de jovens e adultos”⁷⁵

É interessante observar ainda que neste mesmo ano, já a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) estava bastante preocupada com a catequese de adultos. Certamente inspirados no DCG e na *Evangelii Nuntiandi*, de Paulo VI, assim se manifestaram os bispos nas Diretrizes Gerais da CNBB de 1975:

*“É na direção dos adultos que a evangelização deverá orientar seus melhores agentes. Longe de ser um prejuízo da educação de crianças e adolescentes, esta abertura para os adultos é, certamente, uma perspectiva de esperança para todo o Povo de Deus. A evangelização precisa atingir o adulto em todos os estratos sócio-profissionais e em todos os níveis de vivência cristã em que se possam encontrar”*⁷⁶.

A reflexão sobre a catequese com adultos foi tomada tão a sério pelos bispos da época, que eles não se limitaram apenas a apresentar sugestões e princípios relativos à necessidade ou conveniência da formação cristã de adultos, mas traçaram linhas concretas na evangelização dos adultos nas seguintes modalidades⁷⁷:

- a) Catecumenato para adultos não batizados e para adultos já batizados, mas sem fé atualizada e educada.
- b) Preparação próxima para o sacramento do matrimônio e acompanhamento pós-matrimonial.
- c) Preparação de pais e padrinhos por ocasião do batismo das crianças.
- d) Cursos para pais de família, como meio mais adequado de uma cristianização autêntica da comunidade.
- e) Planejamento das várias modalidades de movimentos, cursos, cursilhos, encontros e círculos bíblicos.

João Paulo II, 14 anos depois do Concílio Vaticano II e no segundo ano de seu pontificado, lança a Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae* (1979),

⁷⁵ EN, n.52.

⁷⁶ CNBB, *Diretrizes Gerais*, São Paulo, Ed. Paulinas, 1975, n.59.

⁷⁷ Cf. *Ibid.*, n.61-62.

chamando a atenção dos responsáveis para o grave problema da catequese com adultos. O papa lembra dois aspectos importantes neste documento: a catequese de adultos como a principal forma de catequese e o caráter de formação permanente da mesma:

“E prosseguindo a série dos destinatários da catequese, eu não posso deixar de realçar, chegados a este ponto, um dos cuidados dos Padres do Sínodo, demandando com vigor e urgência pelas experiências que se estão a fazer no mundo inteiro; trata-se do problema central da catequese dos adultos. Esta é a principal forma de catequese, porque se dirige a pessoas que têm as maiores responsabilidades e a capacidade de viverem a mensagem cristã na sua forma plenamente desenvolvida. A comunidade cristã, efetivamente, não poderia pôr em prática uma catequese permanente sem a participação direta e experimentada dos adultos, quer eles sejam destinatários quer sejam promotores da atividade catequética. Depois, o mundo em que os jovens são chamados a viver e a testemunhar a própria fé, que a catequese intenta aprofundar e consolidar neles, é um mundo governado pelos adultos: a fé destes, portanto, deverá também ela ser continuamente esclarecida, estimulada e renovada, a fim de impregnar as realidades temporais por que eles são responsáveis. Assim, para ser eficaz, a catequese tem de ser permanente; ela baldar-se-ia, quase certamente, se parasse no começo da maturidade, uma vez que, sob uma outra forma obviamente, ela se demonstra não menos necessária para os adultos”⁷⁸.

Em 1983, a CNBB dá um dos passos mais importante desde a sua criação em 1952, com a publicação do documento *Catequese Renovada*. Este documento propiciou um salto qualitativo na atividade catequética, especialmente na catequese de crianças e adolescentes. Mas também os adultos foram lembrados nele:

“É na direção dos adultos que a Evangelização e a Catequese devem orientar seus melhores agentes. São os adultos os que assumem mais diretamente, na sociedade e na Igreja, as instâncias decisórias e mais favorecem ou dificultam a vida comunitária, a justiça e a fraternidade. Urge que os adultos façam uma opção mais decisiva e coerente pelo Senhor e sua causa, ultrapassando a fé individualista, intimista e desencarnada. Os adultos, num processo de aprofundamento e vivência da fé em comunidade, criarão, sem dúvida, fundamentais condições para a educação da fé das crianças e jovens, na família, na escola, nos Meios de Comunicação Social e na própria comunidade eclesial. Destacamos o peculiar valor do ano litúrgico para uma catequese contínua e integrada. Igualmente, são momentos privilegiados para a catequese de adultos os grandes acontecimentos da vida: nascimento, matrimônio, enfermidade, morte etc.”⁷⁹.

O documento, ao falar ainda dos lugares propícios para a catequese, é bastante enfático e claro:

⁷⁸ CT, n.43.

⁷⁹ CR, n.130.

“A catequese comunitária de adultos, longe de ser apêndice ou complemento, deve ser o modelo ideal e a referência, a que se devem subordinar todas as outras formas de atividade catequética. Ela deve receber uma atenção prioritária em toda paróquia e comunidade eclesial de base”.

Em 1997, a Congregação para o Clero publica o Diretório Geral para a Catequese. Reelaborado a partir do Sínodo dos Bispos (1985) e da publicação do Catecismo da Igreja Católica (1992), procura adaptar suas diretrizes às novas situações humanas e eclesiais, conservando, todavia, a estrutura de fundo do antigo Diretório Catequético Geral, publicado em 1971. O DGC recomenda vivamente:

“Integrar sabiamente as diversas etapas do caminho de fé, prestando particular atenção para que a catequese dirigida à infância encontre harmonioso cumprimento nas fases posteriores. Também, por esta razão, é pedagogicamente eficaz fazer referência à catequese dos adultos e, à sua luz, orientar a catequese dos demais momentos de vida”⁸⁰.

Mais adiante, o texto volta a falar da atenção que as Igrejas particulares devem dar à catequese dos adultos:

“O princípio organizador, que dá coerência aos diversos processos de catequese oferecidos por uma Igreja particular, é a atenção à catequese dos adultos. Este é o eixo em torno do qual gira e se inspira a catequese das primeiras idades (infância e adolescência) e da terceira idade”⁸¹.

Em 1988, em alocução aos membros do COINCAT (Conselho Internacional de Catequese) que participavam de uma reunião sobre catequese de adultos, João Paulo II volta a insistir:

“São, com efeito, pais e mães de família que, uma vez educados na fé, darão a primeira e fundamental instrução aos próprios filhos no sacrário da igreja doméstica. São os adultos que podem dar um valioso testemunho cristão aos jovens em sua caminhada de busca e amadurecimento. São, enfim, os adultos que, tendo descoberto o valor da vocação cristã radicada no Batismo, participarão na missão salvífica da Igreja, como preciosos sujeitos ativos, tanto nas comunidades eclesiais, quanto nas realidades temporais de que são responsáveis”⁸².

⁸⁰ DGC, n.171.

⁸¹ Ibid., n.275.

⁸² Citado pela *Revista de Catequese* 45 (1989), p.61.

Em 1990, D. Vital WILDERINK, então bispo de Itaguaí (RJ) e responsável pela Linha 3 da CNBB (Dimensão Bíblico-Catequética), assim se manifestou:

“Há uma razão primeira e fundamental para pensar seriamente numa catequese de adultos: Na Igreja, eles são pessoas que, em relação à catequese, têm um direito e um dever. Sem uma formação catequética dificilmente serão capazes desempenhar as tarefas a que, como adultos, são chamados. Afinal, são os adultos que, como pais e mães, deveriam ser os primeiros educadores da fé de seus filhos. São os adultos que atuam na vida social, econômica, política e cultural. O fermento do Evangelho deve chegar aos vários ambientes através do testemunho dos cristãos adultos... Muitas vezes pede-se a eles disponibilidade e colaboração para os quais não se sentem preparados. Tantas vezes afirmamos que a glória de Deus é o homem vivo. Não é um motivo para a diocese e as paróquias se organizarem em vista dessa glória de Deus através de uma pastoral catequética de adultos?”⁸³.

1.2 Os destinatários da catequese com adultos

Diz o texto-base elaborado por ocasião da 2.^a SBC:

“Não sabendo conjugar a catequese recebida na infância com os chamados de Deus na vida, muitos adultos católicos apresentam uma fé individualista, intimista, infantil, ritualista, desencarnada. É comum encontrar adultos preocupados em sua fé somente com interesses pessoais, bens materiais e com a salvação pessoal. E não raro se encontram pessoas que se declaram cristãs, mas que são totalmente analfabetas na fé e que, evidentemente, se abalam profundamente com toda uma avalanche de propostas as mais variadas e desconhecidas sobre assuntos religiosos”⁸⁴.

É especialmente para estes adultos que se propõe usar o conceito “catequese com adultos”, ou seja, uma catequese em vista da atividade de iniciação de adultos não batizados e os que, embora batizados, crismados ou casados na Igreja, ainda não foram suficientemente introduzidos na mensagem evangélica, na fé cristã, na vida da Igreja⁸⁵.

Em linhas gerais, o conceito “catequese com adultos” poderá ser usado também, feitas as devidas ressalvas e respeitadas as devidas peculiaridades, como “formação permanente da fé”, ou seja, a catequese mostra-se como uma dimensão permanente nas variadas ações da Igreja. Desta forma, os adultos

⁸³ Citado pela *Revista de Catequese* 49 (1990), p.64.

⁸⁴ Estudos da CNBB 80, p.80.

⁸⁵ Cf. *Ibid.*, p.75-76.

são indicados como interlocutores diretos da educação na fé, seja como candidatos à iniciação propriamente dita ou como participantes do processo de formação permanente da Igreja.

O grupo de reflexão catequética da CNBB (GRECAT) elaborou um instrumento de trabalho que antecedeu a 2.^a SBC, enviado para as diversas dioceses e paróquias do Brasil. Nele se elencaram diversos destinatários da catequese com adultos⁸⁶:

- a) Adultos participantes, que vão crescendo na fé acompanhando a Igreja nos movimentos, grupos, pastorais e principalmente nas comunidades;
- b) Adultos que não foram batizados e precisam ser iniciados na fé e na vida da Igreja;
- c) Batizados que receberam catequese de preparação para a Eucaristia quando crianças e pararam por aí;
- d) Pessoas vindas de outras Igrejas ou religiões (nesse caso seria importante fazer uma catequese que respeitasse essas origens, que não fizesse desse novo católico um troféu de guerra);
- e) Pessoas que se tornaram indiferentes à questão religiosa;
- f) Pessoas que gostam de “experimentar” de tudo um pouco, transitando entre Igrejas e religiões;
- g) Batizados que se afastaram por alguma experiência insatisfatória ou negativa na Igreja;
- h) Pessoas sinceras que têm dificuldade em aceitar certas normas, doutrinas ou comportamentos propostos pela Igreja;
- i) Pessoas que vivem a religião como ato social, sem compromissos;
- j) Gente ingênua, sem espírito crítico, pronta para crer em qualquer coisa.

⁸⁶ CNBB, *Instrumento de Trabalho da 2.^a SBC*, p.20.

Por aí percebemos o grande leque de interlocutores que a catequese com adultos terá que contemplar. Além do mais, quando se fala em catequese com adultos, “temos que ter bem claro que isso não significa apenas aumentar seus conhecimentos em matéria religiosa. Trata-se de re-situar a sua pertença à Igreja, passando de uma pertença passiva, infantil e desinteressada a uma pertença ativa, responsável e comprometida. Esta passagem, porém, não acontecerá por acaso. Ela só poderá ser fruto de um longo, penoso e persistente trabalho de evangelização no sentido mais amplo, trabalho que terá, inicialmente, de partir dos pastores e, depois, de todos aqueles que, devido à ação destes pastores, se comecem a sentir interpelados pela ordem do Senhor: ‘Ide, fazei todos os povos discípulos... ensinando-os a guardar tudo o que vos mandei’”⁸⁷.

Devemos estar conscientes ainda de que formar adultos na fé não é apenas resolver um problema de ignorância religiosa ou lhes conferir os sacramentos, mas sobretudo lhes proporcionar uma verdadeira síntese de doutrinas e valores, a partir dos quais o adulto cristão comece a entender a si mesmo, a interpretar corretamente a marcha da vida, a discernir, com suficiente clarividência, os valores e contravalores da sociedade e ambiente em que vive.

Por isso, “o verdadeiro destinatário da formação cristã de adultos é o homem de hoje, o fantoche aviltado por uma sociedade consumista e materialista. É a esse homem perdido, talvez, nos caminhos da vida, que a Igreja quer restituir a consciência de seu valor e de sua dignidade, graças ao anúncio do Evangelho e uma catequese adaptada às exigências de nossos dias”⁸⁸.

Duas razões nos fazem pensar numa catequese adulta, adaptada às exigências de nossos dias⁸⁹:

- a) *O fim do período da cristandade*: já terminou o período de cristandade, e com ele o “catolicismo de imersão” e o “catecumanato social”, isto é, a situação que garantia a transmissão das convicções e

⁸⁷ Ernesto do Nascimento PEREIRA, *A formação cristã de adultos*, p.94.

⁸⁸ *Ibid.*, p.95.

⁸⁹ Cf. Emílio ALBERICH, Modelos de catequese com adultos, *Revista de Catequese* 97 (2002), p.37-38.

costumes cristãos através do ambiente cultural e social, por meio de instituições tradicionais de socialização religiosa: a família, a escola, a paróquia, a sociedade em geral.

- b) *A esterilidade da catequese infantil*: constata-se o fato de que a uma infância catequizada já não corresponde uma vida cristã adulta. Com a “sacramentalização” termina para muitos a prática da vida cristã. Não sem razão se diz que a crisma se transformou no “sacramento do adeus”, o “último sacramento”. Parece mais necessário apontar para a idade adulta como ponto essencial de referência pastoral.

1.3 O conteúdo da catequese com adultos e seus objetivos

Definir um conteúdo para a catequese com adultos não é tarefa nada fácil. Entretanto, “para usar uma fórmula que já se tornou clássica, diremos que a lei que deve presidir a elaboração de um conteúdo para a formação cristã de adultos terá de apresentar as duas qualidades seguintes: fidelidade a Deus e fidelidade ao homem”⁹⁰.

Fidelidade a Deus e fidelidade ao homem se encontram pelo fato de a realização do plano de Deus incluir a realização do próprio homem enquanto “criado à imagem e semelhança de Deus” (Gn 1,26) e seu representante no mundo “para cultivar e guardar”.

O DGC apresenta os seguintes conteúdos básicos e orientadores para toda atividade catequética, inclusive a catequese com adultos⁹¹:

- a) As três etapas da história da salvação: vida do povo de Deus no Antigo Testamento, vida de Jesus e a história da Igreja;
- b) Os grandes temas da nossa fé que o *Catecismo da Igreja Católica* trata em 4 seções:

⁹⁰ Ernesto do Nascimento PEREIRA, *A formação cristã de adultos*, p.105.

⁹¹ Cf. DGC, n.130.

- O Credo (fé professada);
- Os Sacramentos (fé celebrada);
- O Decálogo (fé vivida);
- O Pai Nosso (fé rezada).

O documento CR n.74 insiste, por sua vez, na ampliação deste conteúdo. Para tanto, cita a orientação dada pelos bispos latino americanos em Medellín: *“As situações históricas e as aspirações autenticamente humanas são parte indispensável do conteúdo da catequese. E devem ser interpretadas seriamente, dentro de seu contexto atual, à luz das experiências vivenciais do povo de Israel, de Cristo e da comunidade eclesial, na qual o Espírito de Cristo ressuscitado vive e opera continuamente”*⁹².

Para Ernesto do Nascimento PEREIRA a “ação salvífico-libertadora de Deus em Cristo se realiza a partir da Trindade, como seu princípio fontal, passando por Cristo como irrupção de Deus no mundo, e comunicando-se ao homem como seu destinatário”⁹³.

Deste modo, segundo o mesmo autor, o conteúdo da formação dos adultos deverá contemplar três dimensões fundamentais e essenciais da fé cristã: a dimensão trinitária, a dimensão cristológica e a dimensão antropológica⁹⁴:

- a) *Dimensão trinitária*: ao colocar-se, pois, a dimensão trinitária de Deus como princípio e fonte do conteúdo de formação cristã dos adultos se pretende dar uma visão mais simples e prática de uma realidade que pode modificar todo o relacionamento do crente com Deus e seus semelhantes. Infelizmente, perdura ainda hoje em nossos esquemas mentais a imagem de um Deus solidão, um ser perfeito que habita sobre nós e nos governa com o seu poder. Esta concepção de Deus não nos revela quem de fato é o Deus cristão. Pois o cristianismo, na sua origem, rompe com todas as ima-

⁹² Medellín, n.8,6

⁹³ Ernesto do Nascimento PEREIRA, *A formação cristã de adultos*, p.105.

⁹⁴ Cf. *Ibid.*, p.106-123.

gens de Deus que conhecíamos até então, repropoando um novo modelo do Deus monoteísta: O *Deus Trindade*. Nosso Deus não é solidão, mas comunhão de pessoas, comunidade de Pai, Filho e Espírito Santo. É um Deus vivo e pessoal, um Deus relação de pessoas. O mistério da Trindade abre-nos as portas do entendimento de uma vida nova em comunhão, especialmente na sociedade e na Igreja. Ora, se a Trindade é essencialmente um mistério de amor, de comunhão recíproca, de inclusão, como podemos permitir que reine entre nós um modelo de sociedade que privilegia a exclusão, a separação, a secção? Como permitir que milhões e milhões de pessoas sejam esmagadas por alguns poucos que se acham donos do mundo? Se quisermos ser fiéis à Trindade, verdadeiras testemunhas de Jesus, teremos que romper com este tipo de sociedade organizada sobre estruturas iníquas. Uma sociedade excludente não pode ser sacramento da Trindade, pois *“a Trindade aparece como modelo para todo o convívio social igualitário, respeitoso das diferenças e justo. A partir da fé em Deus trino os cristãos postulam uma sociedade que possa ser imagem e semelhança da Trindade”*⁹⁵. Assim, *“enquanto perdurarem as desigualdades sociais a fé na Trindade significará uma crítica a todas as injustiças e uma fonte de inspiração para mudanças fundamentais”*⁹⁶. Também a Igreja, em sua organização interna e na sua evangelização, especialmente no campo da atividade catequética, deverá esforçar-se por ser ícone da Trindade. Como vivemos o ideal proposto por Jesus: *“Que todos sejam um como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, para que eles estejam em nós”* (Jo 17,21)? Como são as relações entre clérigos e leigos, homens e mulheres? Como dividimos as tarefas na comunidade eclesial? Como vivemos o projeto de comunhão de bens e de vida, como foi testemunhado na comunidade primitiva dos apóstolos? A nossa Igreja é de fato ministerial, expressão do Cristo servidor? A resposta sincera a estas questões terá influência concreta na

⁹⁵ L. BOFF, *A Trindade e a Sociedade*, Petrópolis, Vozes, 1999, p.23.

⁹⁶ Cf. S. Arce MARTÍNEZ, *apud* L. BOFF, *A Trindade e a Sociedade*, Petrópolis, Vozes, 1999, p.25.

forma de organizarmos o conteúdo da catequese e de transmiti-lo aos catequizandos, especialmente os adultos.

- b) *Dimensão cristológica*: tornando-se, pela encarnação, a face visível do Pai – “quem vê a mim, vê o Pai” (Jo 14,9), Cristo, por sua vida, ensinamentos, paixão, morte e ressurreição, se situa como foco iluminador de toda a atividade evangelizadora, como ponto obrigatório de permanente referência, princípio inspirador e exemplar de todo o trabalho de evangelização, particularmente da catequese. A Boa-Nova que se pretende anunciar não é outra coisa senão Cristo, filho de Deus. Na CT João Paulo II afirma: “*No centro da catequese nós encontramos essencialmente uma pessoa: é a pessoa de Jesus de Nazaré... É este mesmo Jesus que é o Caminho, a Verdade e a Vida (Jo14,6) e a vida cristã consiste em seguir a Cristo*”⁹⁷. Também o DCG, ao sublinhar a impossibilidade de aproximar-se de Deus sem Cristo, diz: “*Cristo Jesus é o centro da mensagem evangélica no conjunto da História da Salvação. Nele todas as coisas são instauradas*”⁹⁸. Nesta mesma linha de idéias se situam as palavras dos Bispos, na Mensagem ao Povo de Deus, no final do Sínodo de 1977: “*Na catequese nos esforçamos por adquirir a compreensão e a experiência que tem Jesus, o Cristo, em nossa vida de cada dia*”⁹⁹. Por isso, a formação cristã, “*fazendo de Cristo o seu centro vivo, não pretende simplesmente propor um núcleo essencial de verdades a crer, mas sobretudo levar a acolher a sua Pessoa viva, como Salvador e cabeça da Igreja e de todas as criaturas*”¹⁰⁰, pois, “*a fidelidade a uma pessoa viva é algo infinitamente mais existencial, dinâmico, concreto e livre que a fidelidade a uma determinado quadro doutrinal*”¹⁰¹. Neste sentido, o fundamental conteúdo de uma

⁹⁷ CT, n.5. Este texto, dada a sua importância, já foi citado na nota de rodapé n.61.

⁹⁸ DIRETÓRIO CATEQUÉTICO GERAL (DCG), n.40.

⁹⁹ Citado por Ernesto do Nascimento PEREIRA, *A formação cristã de adultos*, p.112.

¹⁰⁰ *Ibid.*, p.112.

¹⁰¹ *Ibid.*, p.112.

formação cristã de adultos é Cristo e o que Cristo significa para a vida de cada pessoa que aderiu ao seguimento.

- c) *Dimensão antropológica*: R. MEDINA afirma que “a realidade do mundo atual bem como os interesses profundos dos catequizandos pertencem à essência do conteúdo da catequese”¹⁰², uma vez que seus objetivos são todas aquelas coisas que, de algum modo, constituem valores para a vida. A densidade das realidades terrenas, bem como o papel que elas são chamadas a desempenhar no projeto histórico-salvífico de Deus, nos alertam que “não se pode concluir que o anúncio de Cristo deva ser materialmente o único conteúdo da catequese, excluindo explicações de outros assuntos”¹⁰³. A própria constituição pastoral *Gaudium et Spes*, logo em seu próêmio afirma: “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo. Não se encontra nada verdadeiramente humano que não lhes ressoe ao coração”¹⁰⁴. Alguns anos depois, inspirada na *Gaudium et Spes*, dirá Medellín: “A catequese atual deve assumir totalmente as angústias e as esperanças do homem de hoje, com o fim de lhe oferecer as possibilidades de uma libertação plena e inteira, as riquezas de uma salvação integral no Cristo Senhor. Desta maneira, ela deve ser fiel à transmissão da mensagem bíblica, não somente no que diz respeito ao seu conteúdo intelectual, mas na sua realidade vital, encarnada nos fatos correntes da vida do homem de hoje”¹⁰⁵. Na continuidade de Medellín, insistindo sempre na realidade humana como campo onde se realiza o mistério da redenção, Puebla é categórica ao dizer que a ação catequética terá de partir para “um esforço sincero, no sentido

¹⁰² Ibid., p.119.

¹⁰³ Ibid., p.119.

¹⁰⁴ Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (GS) – Compêndio do Vaticano II, 27.^a ed., Petrópolis, Vozes, 1998, n.1.

¹⁰⁵ Medellín, n.8,6.

de integrar a vida com a fé, a história humana com a história da salvação, a situação humana com a doutrina revelada, a fim de que o homem consiga a sua verdadeira libertação”¹⁰⁶.

A partir do que expomos até agora, iluminados especialmente por Medellín e Puebla, apresentamos, a seguir, alguns objetivos que podem nortear esta interação entre fé e vida, fé e cultura tão necessária na organização do conteúdo da catequese com adultos¹⁰⁷:

- a) *Promover a formação e o amadurecimento da vida no Espírito de Cristo ressuscitado: o mistério de Cristo ressuscitado deverá ser a fonte a partir donde a vida e a missão da Igreja ganham seu sentido de ser. É justamente a partir desta experiência do Jesus que vive no seio da comunidade que nasce a força e o ânimo da missão das primeiras comunidades. A partir do Cristo ressuscitado a comunidade dos fiéis compreende a sua história e interpreta os acontecimentos em sua volta.*

- b) *Comunicar mensagens significativas para a vida: falamos aqui da relevância ou significatividade da mensagem cristã. É indispensável que na comunicação da fé a mensagem seja percebida como algo significativo, iluminador, algo que dê sentido à vida e que responda às mais profundas interrogações do catequizando. Daí a importância da interação indispensável entre fé e vida. Alerta o documento “A catequese na América Latina: orientações comuns à luz do Diretório Geral para a Catequese”, publicado em 1999 pelo CELAM: “Um dos mais graves problemas que enfrenta hoje a catequese é o da comunicação. A Igreja se sente muito incomodada, porque sua forma de comunicar o Evangelho em geral é pobre e*

¹⁰⁶ Conclusões da Conferência de *Puebla* - 1979, São Paulo, Paulinas, 1998, n.979.

¹⁰⁷ Cf. Estudos da CNBB 80, p.105-106 e Revista de Catequese 97 (2002), p.46-47.

sem qualidade. Frequentemente se tem a impressão de que utiliza linguagens que ninguém entende, dirige-se a auditórios que já não existem e responde a perguntas que ninguém fez ou a problemas que ninguém vive”¹⁰⁸.

- c) *Promover o diálogo entre fé e cultura:* uma catequese que queira alcançar a maturação da fé dos adultos deverá promover obrigatoriamente um diálogo sério entre a fé e a cultura. Um aspecto importante do problema é o relativo ao diálogo com as culturas indígenas, vistas muitas vezes com pouca consideração e pouco respeito. Recordemo-nos da sábia norma dada aos missionários franciscanos nos começos da evangelização americana: aproximar-se dos povos indígenas “*em silêncio e com os pés descalços*”¹⁰⁹.
- d) *Esclarecer as relações existentes entre a ação no mundo e vida interna da Igreja:* caberá à catequese com adultos mostrar as mútuas distinções, as implicações e a justa interação entre a ação no mundo e a vida interna da Igreja. Desta forma, a *Doutrina Social da Igreja* torna-se conteúdo obrigatório na formação cristã dos adultos, uma vez que não há fé adulta sem compromisso com a construção da sociedade segundo os valores do Reino.
- e) *Desenvolver os fundamentos racionais da fé:* talvez seja este um dos grandes desafios da Igreja do III Milênio, especialmente para os católicos formados por movimentos de origem carismática. A reta compreensão da fé e das verdades a se crer está em conformidade com as exigências da razão humana e o Evangelho é sempre atual e

¹⁰⁸ Decat-Celam, *La catequesis en America Latina: orientaciones comunes a luz del directorio general para la catequesis*, Santafe de Bogotá, Centro de Publicaciones del CELAM, 1999, n.131.

¹⁰⁹ *Ibid.*, n.110.

pertinente. Faz-se necessário, por isso, promover eficazmente uma pastoral do pensamento e da cultura cristã. Com isso, busca-se a superação de certas formas de integrismo e de fundamentalismos e evitam-se interpretações arbitrárias e desatualizadas.

- f) *Educar para o diálogo fraterno e respeitoso:* a catequese deverá formar para a alteridade¹¹⁰, especialmente num mundo pluralista e heterogêneo como o que vivemos. Deverá dar especial atenção à dimensão ecumênica e ao diálogo inter-religioso e cultural. Já não vivemos mais numa cultura de cristandade.

1.4 Catequese com adultos à luz da pedagogia de Jesus

Entre os muitos textos bíblicos que poderíamos citar aqui como inspiradores para quem lida com a formação cristã dos adultos (Mt 8, 9-13: vocação de Mateus; Jo 4, 1-42: Jesus e a samaritana; Lc 19, 11-10: Jesus em casa de Zaqueu; Jo 1,35-41: os dois discípulos de João que procuram Jesus; Jo 9, 1-41: Jesus e a cura de um cego), talvez o mais clássico para retratar a pedagogia de Jesus para com os adultos seja a passagem dos discípulos de Emaús (Lc 24, 13-35).

Neste texto, “Jesus vai ao encontro de dois adultos cheios de decepções e dúvidas. Ouve suas aflições e devolve-lhes a esperança anunciando a Palavra de Deus de um modo capaz de aquecer seus corações. Caminha com eles, faz um itinerário que os leva à mesa onde o pão é abençoado e partido (sinal da Eucaristia nas comunidades). É aí que reconhecem plenamente o companheiro de jornada... Tendo sido reconhecido, Jesus não faz por eles o que preci-

¹¹⁰ Sobre o tema da “alteridade”, cf. Nilo AGOSTINI, *Ética e Evangelização: a dinâmica da alteridade na recriação da moral*.

sam fazer: são os próprios discípulos que dão testemunho do caminho percorrido e do encontro com o Senhor”¹¹¹.

Neste itinerário feito por Jesus com os discípulos de Emaús, podemos destacar quatro passos importantes¹¹²:

1.º passo: *a convivência* (24, 13-24)

- Jesus encontra os dois discípulos no caminho;
- Jesus conversa com eles a partir da tristeza que estão sentindo naquele momento;
- Jesus se mostra bem fraterno: acompanha, observa, ouve, entra na conversa, sem impor um assunto seu, tem sensibilidade.

Conseqüências para a catequese com adultos:

- *Será que sabemos ouvir as expectativas e as angústias dos adultos?*
- *Entendemos sua expressão corporal, seus silêncios?*
- *Conhecemos o caminho por onde andam?*
- *Adaptamos a catequese ao ritmo de vida deles?*

2.º passo: *o anúncio da Palavra* (24, 25-27)

- Quando fica bem a par da conversa, Jesus dá seu parecer. A palavra de Jesus, explicando as Escrituras, oferece uma resposta de esperança e corrige algumas interpretações desanimadoras da experiência daqueles dois adultos. Seu objetivo não é defender idéias e sim clarear o caminho dos discípulos para que encontrem a Vida.

Conseqüências para a catequese com adultos:

¹¹¹ Estudos da CNBB 80, p.40-41.

¹¹² CNBB, *Instrumento de trabalho da 2.ª SBC*, p.13-15.

- *Como trabalhamos com as inseguranças e os questionamentos dos adultos?*
- *Sabemos ajudá-los em diálogo fraterno?*
- *Como a Palavra de Deus ilumina estes caminhos?*

3.º passo: *a partilha* (24, 28-32)

- Os dois discípulos participam com Jesus da partilha do pão (sinal da comunidade reunida em torno da eucaristia). O pão partilhado é o sinal permanente do Reino. Partilhar é realizar a igualdade.
- Na refeição partilhada reconhecem Jesus. Então Jesus desaparece. É a vez do protagonismo missionário dos discípulos.

Conseqüências para a catequese com adultos:

- *Partilhamos o que somos com os adultos na comunidade eclesial? As relações são de confiança mútua?*
- *Nossa comunidade é lugar de partilha?*
- *Sabemos “desaparecer” quando é necessário dar oportunidade para que o catequizando adulto apareça como protagonista do seu próprio crescimento na fé?*

4.º passo: *a missão* (24, 33-35)

- Transformados e com o “coração abrasado” os discípulos partem para contar a outros o que vivenciaram. Tornam-se testemunhas do ressuscitado. Voltam a Jerusalém e inundam a comunidade de alegria e esperança.

Conseqüências para a catequese com adultos:

- *O que acontece com os nossos catequizandos depois que recebem os sacramentos? Por que tantos abandonam a comunidade eclesial?*

- *Nossos catequizandos tornam-se verdadeiros anunciadores da Boa-Nova, valorizando a comunidade e tendo coragem para enfrentar dificuldades?*

1.5 Características metodológicas da catequese com adultos

Apresentamos a seguir, iluminados pelas considerações da teóloga Ir. Marlene BERTOLDI¹¹³, alguns elementos metodológicos para animar e despertar os adultos em busca da maturidade na fé, do compromisso com a vida e no engajamento na comunidade. Afirma a exortação apostólica CT:

“A idade e o desenvolvimento intelectual dos cristãos, bem como o seu grau de maturidade eclesial e espiritual e muitas outras circunstâncias pessoais, exigem que a catequese adote métodos muito diversos, para poder alcançar a própria finalidade específica: a educação para a fé. Uma tal variedade é também exigida, num plano mais geral, pelo meio sociocultural em que a Igreja desenvolve a sua atividade catequética”¹¹⁴.

É impossível pensar numa catequese com adultos sem levarmos em conta alguns elementos metodológicos que fazem com que a catequese alcance sua finalidade específica: a educação para a fé. Neste processo, o adulto deverá ser considerado como sujeito da ação catequética e não simples receptor de conhecimentos religiosos. É a partir do adulto, de suas necessidades, buscas e interrogações que a catequese precisa caminhar e descobrir uma metodologia de trabalho. Eis alguns elementos:

- a) *Aprender aprendendo*: a catequese se faz caminhando, conhecendo Jesus e assumindo progressivamente sua proposta evangélica de construção do Reino de Deus. Diante disto, o processo catequético exigirá do adulto mudança de vida, rompimento com determinadas formas de pensar e agir, uma vez que a proposta de Jesus rompe radicalmente com uma fé individualista e desencarnada da realidade.

¹¹³ Estudos da CNBB 84, p.380-405.

¹¹⁴ CT, n.51

- b) *Tratar o adulto como adulto*: a catequese com adultos deverá ter outra dinâmica em relação à catequese com crianças. A metodologia de trabalho não poderá ser a mesma. No contato com adultos a catequese precisa entender as aspirações, os sentimentos, o modo de ser, de viver e interagir as potencialidades, as capacidades e conhecimentos dos adultos.
- c) *Partir das inquietações, perguntas, sonhos, conquistas*: o catequista deverá tratar cada adulto de forma personalizada, sem massificação. É tarefa da catequese ir ao encontro, escutar, acolher e estar aberta às reais situações do adulto.
- d) *Valorizar a vivência grupal*: a educação da fé necessita incentivar e capacitar os adultos para que sejam sujeitos e parceiros de caminhada. Daí a importância de valorizar a vivência grupal, através de uma troca de experiências sempre contínua.
- e) *Trabalhar as motivações*: a motivação tem uma influência decisiva para os adultos, especialmente no mundo da comunicação em nossos dias. Sem ela, a catequese não consegue dar grandes passos, não consegue despertar o interesse do adulto para a proposta evangélica de Jesus.
- f) *Levar em conta as experiências e a sabedoria do adulto como conteúdo*: todo adulto carrega consigo experiências de fé e de vida que devem ser valorizadas pela catequese. Valorizar estas experiências significa ter um chão concreto sobre o qual a catequese se desenvolve, dando sentido ao que foi construído. O adulto deverá ter espaço para manifestar sua experiência de fé, suas inquietações e angústias.

- g) *Valorizar momentos celebrativos*: os momentos celebrativos, especialmente a celebração eucarística e a celebração de certos sacramentos, reforçam redes de vínculos que unem a comunidade, as famílias e as pessoas no compromisso com a fé e com a vida. Além do mais, as celebrações carregam consigo toda a dimensão simbólico-sacramental da liturgia, ou seja, toda a sua potência evangelizadora.
- h) *Favorecer a dimensão do lúdico no processo da fé*: o lúdico é de extrema importância, pois expressa a dimensão afetiva da fé. Sem afetividade torna-se difícil a aprendizagem, a maturação da fé. Daí a importância dos passeios, das brincadeiras, das visitas, das refeições comunitárias etc.
- i) *Aproveitar a riqueza das múltiplas linguagens*: a linguagem da comunicação apresenta-se hoje de forma bastante diversificada, com forte tonalidade de concorrência, seja na linguagem verbal e corporal, na imagem ou na virtual. A catequese com adultos necessita aproveitar as diferentes linguagens para comunicar suas mensagens. Na catequese pode-se aproveitar a riqueza da linguagem simbólica, silenciosa, ritual, da imagem, da poesia, da música, icônica, da internet, da rádio, da TV.
- j) *Parar, retomar e caminhar*: é preciso dar oportunidade aos adultos de serem construtores de seu próprio crescimento e dos outros. O anúncio da fé é uma interpelação que questiona a própria conduta e comportamentos, e capacita para tomar novas decisões.
- k) *Estar a caminho sempre como eternos aprendizes*: a catequese não é uma atividade ocasional na vida do cristão, mas algo processual, um

- l) *Propor um processo de iniciação na dimensão catecumenal*: para tantos cristãos batizados, mas não evangelizados, propõe-se hoje uma experiência catecumenal. O catecumenato segue uma metodologia como processo, que respeita a caminhada levando o adulto a assumir sua fé como compromisso pessoal e comunitário.

- m) *Avançar para a organização de um itinerário aberto*: o adulto está inserido num contexto cultural, social e econômico em que tudo é relativizado, especialmente as experiências de fé e a opção por justiça e solidariedade. Um itinerário de educação da fé e de iniciação à vida comunitária deverá ser adaptado aos interlocutores quanto à linguagem, cultura, conhecimento e etapas da vida.

1.6 Agentes para uma catequese com adultos

A esta altura vem-nos a pergunta crucial: afinal, quem se responsabilizará para que, efetivamente, a catequese com adultos aconteça e não permaneça apenas como discurso ou sonho? A Igreja inteira é chamada a este trabalho, a esta missão e serviço, cada qual no seu lugar, de acordo com sua função. Vejamos quais são os agentes para que a catequese com adultos se tornar uma realidade¹¹⁵:

- a) *A comunidade*: a catequese é de responsabilidade de toda a comunidade cristã. A primeira experiência positiva na catequese deve ser o aco-

¹¹⁵ Cf. Estudos da CNBB 80, p.110-114 e Instrumento de trabalho da 2.^a SBC, p.29.

lhimento da comunidade, lugar de apoio e crescimento da fé vivida, testemunhada e celebrada. Falamos aqui de uma comunidade catequizadora, descrita na quarta parte do documento CR.

- b) *O grupo de catequistas*: o ser e o fazer do catequista não devem acontecer de forma isolada no processo da catequese com adultos. Catequistas ensinam por aquilo que dizem, por aquilo que fazem, por aquilo que são. Conta muito também o clima de relacionamento fraterno do próprio grupo dos catequistas. São importantes a presença e as atividades do grupo dos catequistas para auxiliar no desenvolvimento dos temas, na prática metodológica e pedagógica, na descoberta das aptidões e do engajamento na ação pastoral dos catequizando adultos.
- c) *Os religiosos e religiosas*: a Igreja convoca as pessoas de vida consagrada à atividade catequética e deseja que as comunidades religiosas consagrem o máximo de suas possibilidades à catequese. Uma vocação religiosa vivida com alegria e caridade fala mais alto que muitos discursos e métodos. Diz o DGC: “*A contribuição peculiar à catequese, fornecida pelos religiosos, religiosas e pelos membros das Sociedades de Vida apostólica, deriva de sua específica condição. A profissão dos conselhos evangélicos, que caracteriza a vida religiosa, constitui um dom para toda a comunidade cristã. Esta contribuição original nasce do testemunho público de sua consagração, que os constitui sinal vivo da realidade do Reino*”¹¹⁶.
- d) *Os presbíteros*: pelo sacramento da Ordem são educadores qualificados da fé; esforçam-se para que os cristãos alcancem a maturidade cristã. Diz o DGC: “*O ministério dos presbíteros é um serviço que plasma a comunidade, que coordena e dá força aos demais serviços e caris-*

¹¹⁶ DGC, n.228.

mas. Em relação à catequese, o sacramento da Ordem constitui os presbíteros como educadores da fé”¹¹⁷. As homilias são, para os presbíteros, a ocasião mais recorrente para a catequese ou formação permanente dos fiéis e daí decorre a importância de serem bem preparadas¹¹⁸.

- e) *O bispo*: é o primeiro responsável pela catequese com adultos da sua diocese. Sua função é animar a ação catequética, é garantir a prioridade da catequese e zelar pela formação dos catequistas. Diz a exortação Apostólica CT: “O vosso papel principal há de ser o de suscitar nas vossas Igrejas uma verdadeira paixão pela catequese; uma paixão, porém, que se encarne numa organização adaptada e eficaz, que empenhe na atividade as pessoas, os meios, os instrumentos e também os recursos financeiros necessários. Podeis ter a certeza de que, se a catequese for bem feita nas vossas Igrejas locais, tudo o mais será feito com a maior facilidade”¹¹⁹.

2. FORMAS DE CATEQUESE COM ADULTOS

Apresentamos a seguir, embora de forma bastante parcial e esquemática, as principais formas através das quais se realiza a catequese com adulto. O te-

¹¹⁷ DGC, n.224.

¹¹⁸ É importante observar que a homilia não deve ser transformada em simples instrumento para a catequese. Para Alberto Beckhäuser “*não podemos transformar a celebração dos mistérios de Cristo, nos Sacramentos e, sobretudo, na Celebração Eucarística, em instrumento de evangelização, em ocasião de catequese*”. A homilia é catequese sim em sua essência, uma vez que expõe os mistérios da fé de forma celebrativa, mas não pode ser instrumentalizada simplesmente para fins catequéticos. Para maiores informações e aprofundamentos, conferir artigo: Alberto BECKHÄUSER, A homilia à luz da Sagrada Liturgia, in: *Sub umbris fideliter: Festschrift em homenagem a Frei Boaventura Kloppenburg*, Pe. Geraldo L. B. Hackmann (org.), Porto Alegre, EDIPUCRS, 1999, p.11-39.

¹¹⁹ CT, n.63.

ólogo Emílio ALBERICH sintetiza¹²⁰, num horizonte internacional e plural, muitas experiências interessantes e muitas realidades positivas que podem animar e oferecer indicações práticas àqueles que se sentem comprometidos com a atividade catequética.

Segundo ALBERICH podemos distinguir, de maneira geral, duas grandes modalidades de catequese com adultos: a catequese de cunho evangelizador, numa perspectiva mais missionária, e as formas de catequese com adultos mais na linha de aprofundamento permanente da fé.

2.1 Catequese com adultos em cunho de evangelização missionária

Estas formas de catequese com adultos dirigem-se especialmente aos não-crentes e aos afastados, tendo em vista uma primeira evangelização e um processo de iniciação ou re-iniciação cristã. Correspondem de certa maneira às formas que o DGC chama de “catequese de iniciação”¹²¹.

- a) *Catecumenato de adultos*: é a forma mais típica de catequese com adultos, cujo ordenamento está expresso no RICA. É um processo de introdução na fé daqueles que solicitam, na idade adulta, o ingresso no cristianismo. Embora tenha sido esquecido ao longo dos séculos, foi a forma mais rica e fecunda de catequese que a Igreja dos primeiros séculos conheceu. O processo catecumenal, segundo o RICA, é marcado por vários tempos e diferentes etapas que conduzem o catecúmeno a um itinerário de aprofundamento e amadurecimento da fé¹²². É importante insistir em nossos dias sobre a necessidade de redescobrir e reali-

¹²⁰ Cf. Emílio ALBERICH, Modelos de Catequese com adultos, *Revista de Catequese* 97(2002), p.35-44. O presente título é uma síntese deste artigo.

¹²¹ Cf. DGC, n.63-68.

¹²² Uma explicação pormenorizada sobre estes diversos tempos e etapas que estruturam o catecumenato, encontramos em Alberto BECKHÄUSER, *Celebrar a vida cristã*, 8.^a ed., Petrópolis, Vozes, 1999, p.48-50.

zar a prática catecumenal em seu sentido mais genuíno, convencidos de que o catecumenato, antes de ser uma instituição, constitui propriamente uma função essencial da Igreja, expressão privilegiada de sua maternidade e fecundidade.

- b) *Formas de re-iniciação de adultos*: é a prática pastoral com adultos batizados que, tendo se afastado da fé e da Igreja, em determinado momento sentem o desejo de “refazer o caminho”, ou de completar uma iniciação cristã que ficou incompleta ou insuficiente. Existe uma certa variedade de formas de re-iniciação, ou de processos para “completar a iniciação”. Experiência pastoral que merece ser destacada acontece na França com os *recommençants* (expressão que significa “os que recommençam” ou “os que retornam à fé” ou *reiniciantes*). São adultos batizados que tiveram mais ou menos um passado cristão, mas que se tinham distanciado da Igreja por motivos diversos, sentem o desejo, motivado por uma ou outra circunstância em sua vida, de reencontrar essa fé perdida ou não desenvolvida, e pedem uma nova iniciação cristã. Essa procura é um desafio interessante para a Igreja: exige um novo olhar sobre as expectativas religiosas, uma vez que estas pessoas já passaram normalmente por diversas experiências religiosas. Exige atitudes pastorais renovadas (acolhida, escuta, atenção à diversidade etc.). Obrigam a Igreja a experimentar modalidades originais de catequese que favoreçam a integração na vida e na Igreja¹²³.
- c) *Catequese familiar*: esta forma de catequese refere-se à catequese realizada com os pais de família por ocasião da celebração dos sacramentos dos filhos. O caso mais conhecido para nós brasileiros é o “*curso de preparação de pais e padrinhos*” que antecede a celebração do ba-

¹²³ Sobre a experiência dos “*recommençants*”, conferir Dominique SENTUCQ, *Adultos e educação da fé: experiência de catequese com afastados que retornaram à fé*, *Revista de Catequese* 98 (2002), p. 39-53.

tismo¹²⁴, mas pode acontecer também por ocasião da primeira comunhão, confissão ou crisma dos filhos. Nestes últimos casos tal catequese é realizada normalmente através de reuniões de formação periódicas com os pais. Pode-se dizer que, como forma de autêntica catequese com adultos, o salto de qualidade se realiza quando se consegue superar o nível da simples implicação dos pais na preparação sacramental dos filhos para chegar a colocar no centro da catequese o caminho de fé dos mesmos pais.

- d) *Catequese ocasionais*: são as formas de catequese com adultos que podem acontecer em situações ou “ocasiões” de índole muito diversas: festas do padroeiro, celebração do matrimônio¹²⁵, funerais, eventos familiares, momentos de religiosidade popular etc. Uma encomendação bem feita, por exemplo, poderá ser ocasião privilegiada para uma autêntica experiência de catequese, de redescoberta da fé, de escuta da Palavra de Deus.

2.2 Catequese com adultos em chave de aprofundamento da fé

¹²⁴ Faz-se necessário e urgente que nós revejamos nossos cursos de preparação de pais e padrinhos. Esta preparação deve consistir, não somente na transmissão de uma doutrina mas será, antes, oportunidade privilegiada de colocar os pais da criança em contato com cristãos que se esforçam para viver o Evangelho e assim testemunhar a fé. O objetivo principal da preparação não é tanto aumentar nos pais e padrinhos da criança o conhecimento teórico do cristianismo, mas acender ou reanimar ou intensificar a chama da fé. A preparação não deve ser apenas uma formalidade (como: frequentar palestras, conseguir um diploma etc), mas ter um caráter mais celebrativo, de vivência da fé. Seria também conveniente que se promovessem encontros recíprocos entre pais e padrinhos nas suas respectivas casas. (Cf. Documentos da CNBB 2a, p.12).

¹²⁵ Cf. Álvaro Luiz Pinzetta et al., *Sacramentos: Formação Permanente* (Org. Pe. Marcos Albino Brand), Vozes, Petrópolis, 1984. Esta pequena obra procura dar dicas pastorais e litúrgicas para a celebração dos sacramentos em perspectiva da formação permanente dos adultos. A celebração dos sacramentos é apresentada como a melhor forma de evangelização.

Estas formas ou experiências de catequese dirigem-se particularmente aos cristãos que já fizeram a sua iniciação sacramental. Podemos incluí-las dentro da assim chamada “educação permanente da fé”¹²⁶.

- a) *Na liturgia, nos sacramentais e na religiosidade popular*: Falamos aqui especialmente das celebrações litúrgicas e devocionais. O lugar natural por excelência que se oferece à prática catequética com o povo cristão é, antes de tudo, o da Eucaristia dominical. Nela os cristãos têm a oportunidade regular, por exemplo, de entrar em contato com toda a vasta riqueza da liturgia da palavra. Além do mais, fazem a memória sacramental da obra redentora de Cristo através do sacrifício eucarístico. Portanto, a celebração da Eucaristia evangeliza e catequiza por si só, sem precisar ser instrumentalizada nas assim chamadas “missas catequéticas”. Também a religiosidade popular, não obstante o perigo das deformações e aspectos negativos que a cercam, merece grande consideração e respeito, pois é portadora de muitos valores e constitui expressão religiosa genuinamente popular. Festas do padroeiro, santuários, tríduos e novenas, romarias, peregrinações, devoções marianas, bênçãos de Santo Antônio tornam-se ocasiões privilegiadas de evangelização.

- b) *Catequese com adultos em perspectiva sócio-transformadora*: trata-se de “catequese na ação”, ou seja, dentro do compromisso se desenvolve um esforço de reflexão sobre o sentido cristão do que se faz, à luz interpretativa da Palavra de Deus. Talvez o modelo mais bem sucedido que conhecemos aqui no Brasil seja a *Campanha da Fraternidade*, que se constitui em modelo pastoral exemplar em seu

¹²⁶ DGC, n.69-72.

planejamento e eficaz pelos conteúdos catequéticos e evangelizadores. Através de sua programação anual, a CF desenvolve um rico programa de promoção e de conscientização que inclui um caminho bem elaborado de escuta da Palavra e aprofundamento da fé.

- c) *Catequese com adultos na perspectiva da escuta e estudo da Palavra de Deus*: a catequese encontra aqui seu lugar mais próprio dentro da função eclesial do ministério da Palavra ou ministério profético. Duas experiências positivas podem ser destacadas: A primeira refere-se à catequese bíblica, sob a forma da *lectio divina* (leitura orante da Bíblia através do ofício das leituras e recitação dos salmos), círculos bíblicos e leitura popular da Bíblia¹²⁷. A segunda diz respeito aos centros e experiências de formação teológica e de agentes pastorais: escolas de formação para catequistas, centros e institutos de ciências religiosas, centros de formação de agentes pastorais, cursos de teologia para leigos etc. É possível falar de verdadeira catequese com adultos quando a formação não se limita ao nível intelectual, mas implica um processo de aprofundamento e purificação da própria fé, como também o engajamento pastoral na comunidade local.

¹²⁷ Quem melhor traduz a dimensão da leitura popular da Bíblia, nascida por volta de 1978, é Carlos Mesters, quando afirma: “A preocupação principal do povo não é interpretar a Bíblia, mas é interpretar a vida com a ajuda da Bíblia”. Há quatro elementos que, segundo Carlos Mesters, caracterizam a leitura popular da Bíblia: 1.º) Para o povo, a Bíblia vai além do texto: é Palavra de Deus viva e atual; 2.º) O povo recupera a dimensão comunitária e eclesial na leitura e aplicação da Bíblia; 3.º) O povo reapropria-se da Bíblia, mistura com a vida e começa a despertar para uma consciência crítica; 4.º) Para o povo a Bíblia não é só história, é espelho da vida. O povo não pergunta primeiro pelo fato (aconteceu mesmo?), mas pelo símbolo (o que significa?). Uma boa obra para consulta: C. MESTERS, *Flor sem defesa: uma explicação da Bíblia a partir do povo*, Petrópolis, Vozes, 1999.

- d) *Catequese com adultos nas novas formas de comunidades e de agregação*: a catequese com adultos encontra terreno fértil nas muitas formas de vivência comunitária que desejam ser expressão da *koinonia* e da comunhão eclesial. A primeira experiência a destacar são as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Estas nasceram precisamente no Brasil e constituem um terreno privilegiado de experiências catequéticas com adultos. No dizer de Puebla as CEBs são “*focos de evangelização*” e lugares privilegiados de catequese¹²⁸. Outra experiência a ser lembrada são os grupos e movimentos eclesiais antigos e novos: apostolado da oração, movimento de cursilho, focolarinos, carismáticos etc. Deve-se reconhecer, de um lado, que esses movimentos constituem uma grande riqueza para Igreja. Por outro lado, são também causa de muitas tensões e problemas, pelo risco que trazem em si de cair em formas sectárias e de converterem-se em “igrejas paralelas”.

¹²⁸ Puebla, n.96.

CAPÍTULO III – DESAFIOS PASTORAIS NA CATEQUESE COM ADULTOS

1. NECESSIDADE DE ARTICULAÇÃO ENTRE CATEQUESE E LITURGIA

Talvez seja este o maior desafio e a mais importante tarefa que temos que recuperar em nossos dias: a articulação fecunda e harmônica entre catequese e liturgia. Refletindo esta preocupação, diz o DGC:

“A catequese é intrinsecamente ligada a toda a ação litúrgica e sacramental. Muitas vezes, porém, a praxe catequética apresenta uma ligação fraca e fragmentária com a liturgia: atenção limitada aos sinais e ritos litúrgicos, pouca valorização das fontes litúrgicas, percursos catequéticos que pouco ou nada têm a ver com o ano litúrgico, presença marginal de celebrações nos itinerários da catequese”¹²⁹.

A relação entre catequese e liturgia traz consigo uma longa e comprovada tradição. As experiências unitárias das comunidades apostólicas (At 2,42-47) e do antigo catecumenato, modelo significativo de toda a catequese, demonstram a fecundidade de uma síntese vital entre catequese e liturgia, que não

¹²⁹ DGC, n.30.

devem constituir momentos desligados e como que independentes, mas realidades complementares de uma única experiência unificante e amadurecedora.

Especialmente no período pós-conciliar, o vínculo entre catequese e liturgia continuou a representar um capítulo de primordial importância no compromisso pastoral da Igreja, até mesmo pelo impulso renovador da constituição “*Sacrosanctum Concilium*”. Infelizmente este precioso documento é ainda desconhecido de muitos agentes de pastoral, bem como do povo de Deus em geral. Com certa freqüência a liturgia serve apenas para ilustrar textos catequéticos ou para sacralizar determinadas iniciativas e realidades. Pior ainda, usa-se o ato litúrgico, muitas vezes distorcido, para moralização a título de catequese. Outras vezes, infelizmente, a liturgia deixou de ser o referencial essencial da catequese.

O documento CR dedica diversos artigos e faz menções especiais à relação fecunda entre catequese e liturgia¹³⁰, mas destacamos aqui especialmente o número 89:

“A iniciação à leitura da Bíblia, na catequese, deve levar não só ao contato com a Palavra de Deus na leitura pessoal e grupal da Escritura; mas, principalmente, à compreensão da Palavra proclamada e meditada na liturgia. Não só pela riqueza de seu conteúdo bíblico, mas pela natureza de síntese e cume de toda a vida cristã, a liturgia é fonte inesgotável de catequese. Nela se encontram a ação santificadora de Deus e a expressão orante da fé da comunidade. As celebrações litúrgicas, como a riqueza de suas palavras e ações, mensagens e sinais, podem ser consideradas como uma catequese em ato. Mas, por sua vez, para serem compreendidas e participadas, as celebrações litúrgicas ou sacramentais exigem uma catequese de preparação ou iniciação”¹³¹.

É importante, no entanto, que não confundamos simplesmente catequese e liturgia, uma vez que entre elas há uma diferença real e significativa. A catequese “procura transmitir e aprofundar a fé dos cristãos. Ela tem como função iniciar as pessoas na fé cristã e na vivência da comunidade eclesial. Introduz os cristãos de modo teórico e prático na vida da Igreja. Em toda a vida da Igreja, portanto, em todas as dimensões. Conscientiza os cristãos e os introduz na dimensão comunitária e participativa; desperta-os para o confronto com as

¹³⁰ Cf. CR nn: 67, 89-90, 130, 136, 219-229, 251, 255, 265, 281s, 299, e ainda os números 4-6, 15, 29, 83, 106, 132, 147, 159, 258, 262s, 294, 307s, 315.

¹³¹ CR, n.89.

diversas vocações e ministérios. Abre-lhes o horizonte da missão, os introduz na dimensão celebrativa, prepara-os e os exercita no diálogo ecumênico e religioso e prepara-os para o testemunho profético e a ação transformadora da sociedade”¹³².

Já a liturgia é, por excelência, memorial celebrativo do mistério pascal de Cristo e sua ação salvadora em favor dos homens. Através dela evoca-se o Cristo mestre da fé e celebra-se a presença de Cristo na ação dos catequistas e todo o efeito maravilhoso da graça no coração das pessoas atingidas pela ação dos catequistas¹³³. Além do mais, a liturgia quer ser “celebração da fé, precedida de uma catequese de iniciação e introdução aos sinais, símbolos e experiência de Igreja e de Deus. É celebrada através de ritos, coisas, cores, gestos, atitudes. A liturgia é o ponto mais alto, o cume e fonte de toda a Igreja. É a experiência de Deus e do povo de Deus, de fraternidade e participação que melhor expressa o significado e a função da Igreja no mundo”¹³⁴.

Todavia, a diferença entre catequese e liturgia não significa necessariamente separação ou desconexão. Pelo contrário, as diferenças devem gerar complementaridade. A liturgia é profundamente catequética, ao passo que a catequese é eminentemente litúrgica, sem contudo se confundirem.

Esta necessidade de articulação entre catequese e liturgia apresenta dois desafios concretos para a práxis catequética: fazer da catequese espaço privilegiado para a iniciação à vida litúrgica e, conseqüentemente, recuperar a dimensão litúrgica da catequese.

Contudo não queremos afirmar aqui simplesmente que a catequese deva iniciar tão somente na vida litúrgica, uma vez que a catequese deve aprofundar também, de forma teórica e prática, todas as dimensões da vida da Igreja (a comunitária e participativa, a missionária, a ecumênica e de diálogo religi-

¹³² Alberto BECKHÄUSER, *A liturgia da missa: teologia e espiritualidade da Eucaristia*, 9.^a ed., Petrópolis, Vozes, 2001, p.115.

¹³³ *Ibid.*, p.115.

¹³⁴ Bernardo CANSI, *Catequese e educação da fé* (Col. Catequese Fundamental), Petrópolis, Vozes, 1994, p.121. Para um estudo mais aprofundado do conceito de liturgia, conferir ainda: Alberto BECKHÄUSER, *Celebrar a vida cristã*, p.21-22.

oso, a profética e transformadora e a litúrgica). Segundo Alberto BECKHÄUSER, “trata-se de um exercício teórico e prático de aprofundamento de toda a vida da Igreja. Para isso, a catequese encontra-se em todas as dimensões, sem contudo perder sua característica e sem reduzir qualquer outra dimensão à catequese. Catequese é catequese e não missão ou liturgia, ou transformação social. Mas a catequese tem a função de levar os fiéis a aprofundarem todas as dimensões da vida da Igreja”¹³⁵.

1.1 Uma catequese que inicie progressivamente na vida litúrgica

Para o liturgista Marcelino SIVINSKI a catequese, iluminada pela metodologia de Jesus, terá que considerar quatro desafios importantes: uma iniciação global e sistemática no conhecimento do mistério da salvação; uma assimilação das atitudes e práticas de Jesus Cristo; uma iniciação na missão apostólica e missionária e uma iniciação e formação para rezar e celebrar a fé na liturgia¹³⁶. Portanto, a liturgia torna-se conteúdo necessário e indispensável de toda a ação catequética.

O RICA, em sua Introdução, afirmará que a catequese, “*distribuída por etapas e integralmente transmitida, relacionada com o ano litúrgico e apoiada nas celebrações da Palavra, leva os catecúmenos não só ao conhecimento dos dogmas e preceitos, como à íntima percepção do mistério da salvação de que desejam participar*”¹³⁷. Também o DGC insistirá que “*a catequese deve ajudar a participação ativa, consciente e plena na liturgia da Igreja. Deve também educar os fiéis na meditação da Palavra de Deus e oração particular*”¹³⁸. Desta forma, a catequese proporcionará uma verdadeira iniciação para rezar e celebrar a fé na liturgia.

¹³⁵ Alberto BECKHÄUSER, *Concílio Vaticano II: a Liturgia 25 Anos Depois*, Petrópolis, Vozes, 1989, p.48.

¹³⁶ Estudos da CNBB 84, p.357.

¹³⁷ Introdução ao RICA, n.19.

¹³⁸ DGC, n.25.

Assim, a progressiva comunhão com Jesus Cristo que se realiza no processo catequético concretiza-se também na oração e na celebração litúrgica. Estas não só expressam a comunhão com Cristo, mas também a realizam e a fazem crescer, pois “*Cristo está presente em sua Igreja, sobretudo nas ações litúrgicas*”¹³⁹.

Segundo Marcelino SIVINSKI, “a celebração litúrgica é algo inerente ao processo catequético, pois o mistério da salvação, refletido na catequese e que alimenta a fé dos adultos, é celebrado na comunidade eclesial. A fé só é autêntica e verdadeira quando proclamada, celebrada e testemunhada. Por isso, é decisivo que ao longo do processo catequético os cristãos sejam iniciados nos diferentes tipos de celebração, preparando-se assim para participar da mesma comunidade eclesial”¹⁴⁰.

Do contrário, jamais atingiremos aquela “participação plena, consciente e ativa” dos fiéis nas celebrações litúrgicas, tão sonhada e propagada pela *Sacrosanctum Concilium*¹⁴¹. Sem uma autêntica catequese, não haverá participação frutuosa na ação litúrgica. Não haverá unidade entre sacrifício e banquete (comunhão e compromisso), entre fé e vida.

A catequese não poderá perder de vista a sua tarefa mistagógica de iniciar na realidade litúrgica, particularmente em três níveis ou dimensões¹⁴²:

- No nível *celebrativo da liturgia*, como ação simbólica, a catequese deve ser iniciação aos diversos ritos e formas expressivas do universo celebrativo cristão;
- No nível *ministerial da liturgia*, como ação significativa e memorial de eventos salvíficos, a catequese deve favorecer e ilustrar as experiências bíblicas e eclesiais significativas pelos ritos litúrgicos;
- No nível *existencial da liturgia*, como celebração de vida no espírito e de existência salva no mundo, a catequese deve ser obra educa-

¹³⁹ SC, n.7.

¹⁴⁰ Estudos da CNBB 84, p.361.

¹⁴¹ SC, n.14.

¹⁴² Emílio ALBERICH, *A catequese na Igreja de hoje*, São Paulo, Editora Salesiana, 1983, p.244.

tiva das convicções e atitudes que constituem a substância de tal vida: acolhimento, agradecimento, escuta, compromisso, comunhão, responsabilidade etc.

1.2 Resgate da dimensão litúrgica da catequese

Este constitui-se também num outro grande desafio para a nossa catequese, marcada fortemente por um caráter doutrinário e moral, excluindo quase por completo a dimensão litúrgica e orante de que a catequese é revestida.

Mas não foi assim no passado, particularmente no período dos Santos Padres. A catequese patrística estava estreitamente ligada à liturgia e à toda a dimensão simbólico-celebrativa de que a mesma é revestida. A catequese dos primeiros séculos encontrou na liturgia a sua expressão mais plena, a sua fonte contínua e sua referência constante. Toda a caminhada catecumenal estava marcada por diversos ritos, gestos e ações simbólicas, culminando com a solene celebração dos sacramentos da iniciação cristã na noite da vigília pascal.

Infelizmente, quando o cristianismo tornou-se a religião oficial do Império Romano e o número dos catecúmenos aumentou, diminui significativamente a seriedade da preparação dos sacramentos da iniciação. O catecumenato foi reduzido praticamente à quaresma, feito às pressas, perdendo o seu caráter litúrgico e reduzindo-se à instrução de doutrinas.

O Concílio Vaticano II, como vimos anteriormente, procurou resgatar este diálogo entre catequese e liturgia. Especialmente com a publicação do RICA, procurou-se devolver à catequese a sua dimensão celebrativa. Afirma o RICA:

“Ajudados em sua caminhada pela Mãe Igreja, através dos ritos litúrgicos apropriados, já são por eles gradativamente purificados e protegidos pela bênção divina. Promovem-se para eles [catecúmenos] celebrações da Palavra e lhes é proporcionado o acesso à liturgia da Palavra junto com os fiéis, a fim de ser prepararem melhor para a futura participação na Eucaristia”¹⁴³.

¹⁴³ Introdução ao RICA, n.19.

Preocupado com o caráter simbólico da catequese, o RICA apresenta diversos ritos litúrgicos que acompanham os vários tempos e marcam as diferentes etapas do catecumenato: celebração da entrada no catecumenato; celebrações da Palavra de Deus de acordo com o tempo litúrgico; celebração da entrega do símbolo; celebração da entrega da oração do Senhor; celebração da eleição e inscrição do nome; celebração dos escrutínios; diversas sugestões de preces e orações de exorcismo, além da belíssima celebração dos sacramentos da iniciação cristã na noite da vigília pascal¹⁴⁴. Segundo o RICA, caberá aos bispos, padres e catequistas, dentro da devida criatividade e senso pastoral, fazer uso de toda a riqueza litúrgica contida neste Ritual¹⁴⁵.

Afirmamos assim que a catequese deverá ter a liturgia como fonte estruturante essencial, sem contudo cairmos em reducionismos simplistas e absolutizações descabidas. A catequese tem necessidade, como exigência intrínseca do seu dinamismo, do momento simbólico celebrativo¹⁴⁶. Desta exigência, segundo Emílio ALBERICH, derivam duas considerações importantes¹⁴⁷:

- a) A primeira delas é que a liturgia utiliza com abundância a linguagem simbólica. Especialmente as realidades mais profundas e significativas da vida humana são expressas através de símbolos. Somente através de símbolos ou gestos simbólicos se consegue exprimir e comunicar a profundidade e a riqueza das experiências humanas que envolvem e atingem a pessoa como um todo. O símbolo mexe com a linguagem do mistério, do sobrenatural.

¹⁴⁴ No entanto, o grande desafio que permanece é: como trabalhar a dimensão litúrgica na catequese com adultos que já terminaram a iniciação sacramental, na perspectiva de formação permanente da fé, um vez que para aqueles que estão na catequese de iniciação existe o RICA? Penso que uma boa alternativa seja investir na formação litúrgica das comunidades numa perspectiva mistagógica, através de bons cursos e exercícios práticos (laboratórios), propiciando assim uma vivência mais consciente e frutífera do Mistério Pascal de Cristo celebrado na liturgia.

¹⁴⁵ Cf. Apresentação do RICA, p.07.

¹⁴⁶ Cf. Emílio ALBERICH, *A catequese na Igreja de hoje*, p.245.

¹⁴⁷ Cf. *Ibid.*, p.245-246.

- b) O segundo elemento constitutivo da liturgia é a dimensão celebrativa ou da festa. A festa tem um significado fundamental para a existência humana, especialmente no que se refere à sua dimensão religiosa. Através da festa o homem celebra o valor da vida, afirma as coisas que verdadeiramente contam: amor, amizade, família, pátria, salvação etc. Através da festa o homem cria comunhão de forma profunda, impossível de se exprimir nos gestos da vida ordinária. Festa e celebração são, portanto, o modo privilegiado de celebrar a vida e de proclamar o seu sentido mais profundo.

Estas considerações, que apenas esboçam a riqueza expressiva da linguagem simbólica e celebrativa (festiva) da liturgia, já são suficientes para percebermos a estreita conexão entre celebração e catequese, como aprofundamento e amadurecimento de experiências de fé.

Em vista disto, segundo E. ALBERICH, “o vínculo estreito que une experiência e celebração permite-nos formular uma espécie de lei estrutural da comunicação religiosa: aquilo que não é celebrado não pode ser captado em sua profundidade e no significado para a vida. Também a fé, para que se torne experiência significativa e dimensão interpretativa da existência, precisa ser celebrada. A catequese não pode, pois, deixar de ter momentos celebrativos e rituais. Não há amadurecimento da fé sem celebração da fé”¹⁴⁸.

2. FORMAÇÃO DE UMA COMUNIDADE CATEQUIZADORA

Normalmente atribui-se ao grupo de catequistas e, às vezes ao pároco, a responsabilidade de conduzir o processo catequético. Esquece-se assim de que toda a comunidade cristã é convidada a exercer a sua maternidade espiritual e manifestar publicamente o seu compromisso de fé e vida cristã para

¹⁴⁸ Ibid., p.246.

com os catecúmenos. Falamos aqui de uma comunidade catequizadora ou “a-padrinhante”¹⁴⁹.

O RICA é categórico ao afirmar:

“Compete principalmente ao povo de Deus, isto é, à Igreja, que transmite e alimenta a fé recebida dos apóstolos, preparar com maior cuidado o batismo e a formação cristã. Mediante o ministério da Igreja, os adultos são chamados pelo Espírito Santo ao Evangelho, ao passo que as crianças são batizadas e educadas na fé da mesma Igreja. É importante que, desde a preparação do batismo, os catequistas e outros leigos cooperem com os sacerdotes e diáconos. Por isso, é de toda conveniência que na celebração do batismo, o povo de Deus seja representado não somente pelos pais, padrinhos e parentes, mas também, enquanto possível, pelos amigos, familiares, vizinhos e outros membros da comunidade local. Assim, o povo de Deus, tomando parte ativa, manifestará a sua fé, exprimirá a alegria com que a Igreja recebe os neobatizados”¹⁵⁰.

Desta afirmação fica-nos evidente que a catequese não é tarefa somente de algumas pessoas, mas função comunitária eminentemente eclesial. Pressupõe uma comunidade cristã com grande preocupação de iniciar progressivamente os novos filhos na fé e na vida da Igreja. Pois à comunidade cristã cabe a educação dos catecúmenos através do exercício de sua maternidade espiritual em sua tríplice função de despertar, acolher e sustentar a fé dos candidatos¹⁵¹.

Disto decorre ainda que o catecúmeno não é um indivíduo isolado, mas necessita de um testemunho e uma ajuda comunitária, já que a fé se expressa numa vida cristã concreta, o que supõe adquirir com os outros uma consciência cristã para transformar os costumes, o comportamento e os compromissos¹⁵².

Na quarta e última parte do documento CR enfoca-se também esta preocupação com a comunidade catequizadora. Para o documento, na medida em que a comunidade caminha e procura interagir os quatro elementos essenciais da vida cristã: a união entre os membros, a abordagem da realidade, a vida eclesial e a explicitação da fé, torna-se ela própria catequista de si mesma, se auto-evangeliza e forma cristãos maduros na fé¹⁵³.

¹⁴⁹ Expressão muito utilizada por Casiano FLORISTÁN, em sua obra: *“Catecumenato: história e pastoral de iniciação”*.

¹⁵⁰ Introdução ao RICA, n.7.

¹⁵¹ Cf. F. COUDREAU, *Le parrainage*, em *Perspectives de Catholicité* 22 (1963), p.117-125.

¹⁵² Cf. Casiano FLORISTÁN, *Catecumenato: história e pastoral de iniciação*, p.234.

¹⁵³ Cf. CR, n.288.

Pois, para uma verdadeira catequese, não basta apenas planejar o bom andamento de um conjunto de temas, mas promover a integração da caminhada da comunidade cristã com a mensagem evangélica¹⁵⁴. Desta forma, a comunidade estará formando-se na fé e sendo sinal profético e evangelizador para aqueles que desejam fazer-se cristãos.

Mais do que com palavras, a comunidade evangeliza através do exemplo. Recordemo-nos aqui do relato da primeira comunidade, transmitido por Lucas (At 2, 42-47). Na medida em que a comunidade dos fiéis testemunhava a solidariedade mútua, a vida de oração, a vivência da doutrina dos apóstolos, a participação na Eucaristia, nesta mesma medida gozava da simpatia do povo e mais pessoas ajuntavam-se a ela para trilhar o caminho da salvação.

3. UMA CATEQUESE ORGANIZADA À LUZ DA BÍBLIA

O impulso renovador da catequese, inspirado nas orientações do Vaticano II, Medellín, Puebla e na Exortação de João Paulo II sobre a catequese, foi de enorme valia para a organização dos conteúdos catequéticos e estruturação da metodologia de trabalho. Procurou-se valorizar mais as realidades terrenas, as situações concretas vividas pelo povo como tema de catequese. São as assim chamadas catequeses temáticas (família, trabalho, política, justiça social, drogas, sexualidade etc.).

Não podemos negar, no entanto, que este tenha sido um fato bastante significativo e valoroso, mas infelizmente em algumas comunidades eclesiais, a articulação entre a vida e o estudo da Palavra de Deus não se deu plenamente. Continuou-se com aquele velho esquema de “decoreba” no modo de se dar catequese. Os círculos bíblicos e a leitura orante da bíblia nas CEBs foram insuficientes para uma formação bíblica adequada do povo, agravado pelo fato de que por muitos séculos a bíblia ficou longe das mãos do povo e nem todos os cristãos inseriram-se efetivamente em comunidades eclesiais de base.

¹⁵⁴ Cf. CR, n.283.

Embora o documento CR diga que a bíblia é a primeira fonte da catequese e que deve inspirar todo o processo catequético¹⁵⁵, especialmente a catequese com adultos, não foi isso que realmente aconteceu. Embora a bíblia tenha sido usada na catequese, esta foi lida muitas vezes numa perspectiva fundamentalista e infantil.

O agente de catequese com adultos deve estar consciente que a bíblia é um livro escrito por adultos para adultos, que registra a experiência de fé dos adultos. Mostra um povo que descobriu a verdade libertadora de Deus nos acontecimentos de sua história. A bíblia convida os adultos de hoje a fazerem o mesmo. Os profetas eram formadores, comunicadores que se dirigiam aos adultos com responsabilidade de fazer cumprir a Aliança. Crianças e jovens aprendiam com os adultos, ouvindo as histórias do povo, participando das festas litúrgicas. Diz o salmo 78, ilustrando o modo de transmitir a fé no povo de Israel:

“O que ouvimos e aprendemos através de nossos pais, nada ocultamos a nossos filhos, narrando à geração futura os louvores do Senhor, seu poder e suas obras grandiosas. Ele promulgou uma lei para Jacó, instituiu a legislação de Israel, para que aquilo que tinha sido confiada a nossos pais eles o transmitissem a seus filhos a fim de que a nova geração o conhecesse e os filhos que lhes nascessem pudessem também contar aos seus filhos”.

O Novo Testamento nos mostra Jesus que acolhia e abençoava as crianças, mas somente os adultos eram instruídos e orientados a segui-lo e fazer o que ele fazia. Também as primeiras comunidades são formadas por adultos, evangelizados, atraídos ao projeto e à pessoa de Jesus e catequizados através da participação na comunidade e do ensino dos mais experientes.

Portanto, a bíblia é um livro dirigido especialmente aos adultos e deve ser a fonte primeira e mais importante de todo o processo catequético. Mas para que isso aconteça efetivamente e dê frutos, o próprio agente de catequese deve se formar para ter uma visão da bíblia que realmente ajude os adultos a alimentar sua vida cristã¹⁵⁶.

¹⁵⁵ Cf. CR, n.84-86.

¹⁵⁶ Cf. Estudos da CNBB 84, p.456.

Pois não se trata de colocar simplesmente a Bíblia na catequese com adultos e fazer a leitura de certos textos. Supõe antes que o agente de catequese saiba usar a bíblia dentro de uma visão libertadora, dentro do contexto atual da vida, levando a um compromisso em nível individual, comunitário e social.

4. UMA CATEQUESE ABERTA AO DIÁLOGO NA DIVERSIDADE RELIGIOSA, CULTURAL E HUMANA

Já não vivemos mais num contexto de cristandade. Nossa sociedade é marcada por um amplo processo de secularização, onde autonomia e liberdade passam a ser palavras de ordem. Chegamos ao fim do pensamento único, da Igreja católica como detentora exclusiva da verdade. Abre-se espaço agora para a heterogeneidade e o diferente. Vivemos num pluralismo de ofertas e modos de viver, especialmente no campo religioso, cultural e humano.

Therezinha Motta Lima da CRUZ, membro do GRECAT, elenca uma variedade imensa de adultos com quem a catequese deverá aprender a dialogar¹⁵⁷:

- Diferentes faixas etárias;
- Diferentes famílias de origem;
- Diferentes níveis de escolaridade;
- Diferentes campos de interesse derivados da formação profissional;
- Gente da cidade e do campo;
- Gente da periferia, excluídos e gente bem situada socialmente;
- Mulheres, homens, solteiros, casados, viúvos, recasados, homossexuais;
- Gente nascida em ambiente católico e gente vinda de outras experiências;

¹⁵⁷ Estudos da CNBB 84, p.166.

- Gente ciosa da sua liberdade e gente imatura querendo repetir modelos prontos;
- Gente mimada pela sorte e gente exposta a todo tipo de agressão.

Nossa catequese deverá ser, sobretudo, dialogante, capaz de conviver com o diferente, saber escutar e exercitar-se na dinâmica da alteridade. Três tarefas tornam-se urgentes e necessárias¹⁵⁸:

- a) *Uma catequese que atenda ao diferente*: que seja diversificada e adaptada ao parceiro em questão; longe de toda espécie de uniformismo; reprodução mecânica de modelos antigos e ultrapassados; capaz de ouvir, responder às perguntas dos interlocutores; saber acolher especialmente os que se encontram em situações difíceis e irregulares; ser espaço para que cada um possa colocar em evidência seus dons e carismas.
- b) *Uma catequese que eduque para a diversidade*: falamos aqui especialmente do diálogo ecumênico e inter-religioso; com o devido discernimento, a catequese deverá saber exigir o essencial e alegrar-se com a várias e diferentes espiritualidades, vistas como complementares, não como rivais.
- c) *Uma catequese aberta ao diálogo com a cultura*: uma catequese que não seja proprietária exclusiva de toda a verdade, palavra última de toda discussão; uma catequese aberta à mídia, às artes, à vida extra-ecclesial; que saiba reconhecer os diferentes valores da cultura, mas também purificá-los à luz do Evangelho quando necessário.

¹⁵⁸ Cf. Ibid., p.171.

5. FORMAÇÃO ADEQUADA PARA OS CATEQUISTAS COM ADULTOS

Sem uma formação adequada e constante dos catequistas, num processo de reciclagem e aprofundamento permanente da fé, não haverá uma verdadeira catequese. Sem a mudança de mentalidade de muitos catequistas, a catequese com adultos não consegue atingir os seus verdadeiros objetivos, permanecendo sempre como uma catequese infantilizada, simples preparação para receber os sacramentos.

Para Ir. Mary DONZELINI, membro do GRECAT, “a preocupação com a formação dos catequistas não é novidade; ela foi expressa em diversos documentos da Igreja e deve se tornar primordial nas comunidades eclesiais, em vista de uma Igreja mais viva e atuante, comprometida com a construção do Reino aqui e agora. Isso exige catequistas capazes de ler, nos acontecimentos cotidianos, os sinais dos tempos e interpretá-los com consciência crítica, à luz do Evangelho”¹⁵⁹.

Numa Igreja adulta, comprometida com a construção do Reino de Deus, exigir-se-á uma formação condizente para os adultos. Não basta a simples repetição de doutrinas, de esquemas antigos e ultrapassados. Faz-se importante o acompanhamento e a comunicação da fé, na interação com o conteúdo, numa linguagem adulta, fazendo com que o destinatário adulto possa ter uma real e verdadeira experiência de fé.

Nas reuniões regionais do Departamento de Catequese do CELAM, especialmente a que se realizou em Guadalajara no mês de setembro de 2001, destacaram-se algumas condições para ser catequista¹⁶⁰:

- Ter grande capacidade para discernir a diversidade das situações e o livre mercado das religiões;

¹⁵⁹ Estudos da CNBB 84, p.406.

¹⁶⁰ Salim del Cristo Tobía PÉREZ, As transformações da vida adulta como âmbito da catequese, *Revista de Catequese* 98 (2001), p.28-29.

- Ser formado para trabalhar com o adulto na sua individualidade, no seu universo particular. Catequese e massificação andam na contramão.
- Possuir uma formação pedagógica adulta e intensa vida na comunidade da Igreja local, e não uma formação abstrata;
- Capacidade de diálogo ecumênico, saber lidar com o diferente, livre de preconceitos;
- Não se preocupar com o número de catequizandos (quantidade de cristãos, arrebanhamento), mas com a qualidade da catequese e o engajamento real na vida da comunidade;
- Ter uma compreensão de Igreja inserida na sociedade, comprometida com os mais pobres e desfavorecidos de nosso mundo;
- Transmitir uma catequese da maturidade como abertura permanente ao seguimento de Jesus.

Mas para que essas condições apresentadas acima possam tornar-se uma realidade no grupo dos catequistas, faz-se necessário e urgente investir na formação dos mesmos. Catequistas que vivam a interação fé-vida, uma sólida pertença eclesial, sendo pessoas convictas e fiéis à mensagem em confronto com o destinatário adulto, ajudando o mesmo no caminho da fé e na inserção progressiva da vida de comunidade.

6. NASCIMENTO DE UMA NOVA MENTALIDADE ECLESIO-LÓGICA

Não basta apenas modificar a mentalidade de muitos catequistas, mas a Igreja como um todo, em todas as suas estruturas e instâncias, precisa se converter a partir de uma nova eclesiologia. Se a Igreja não muda, não muda a catequese.

Desta forma, a catequese com adultos se insere hoje num projeto geral de renovação da Igreja, seja no sentido de constituir um fator importante de reforma eclesial, seja na promoção de novas formas de relação entre a Igreja e o mundo, Igreja e cultura, Igreja e compromisso histórico de promoção e libertação. Uma Igreja menos piramidal, mas de comunhão e participação, expressão visível da Trindade, capaz de valorizar a missão e ministério dos cristãos leigos e leigas.

Falamos assim do nascimento de uma nova mentalidade eclesiológica, cujas características podem ser sintetizadas nas seguintes afirmações¹⁶¹:

- *Igreja que vive a comunhão e participação*: uma Igreja mais ministerial, aberta ao acolhimento dos diversos carismas suscitados pelo Espírito no seio da comunidade.
- *Igreja no mundo e para o mundo*: uma Igreja encarnada, inserida nas realidades terrenas, sendo fermento na massa.
- *Igreja diálogo*: uma Igreja menos intolerante e prepotente, especialmente com as outras Igrejas e religiões. Uma Igreja que sabe apresentar sua identidade, mas que é capaz de conviver com o diverso, com o diferente. A diferença não é vista como dificuldade, mas como possibilidade de crescimento e enriquecimento.
- *Igreja a serviço*: uma Igreja envolvida na defesa dos valores do Reino, promotora de tudo que torna o mundo mais humano, no espírito da gratuidade do bom samaritano.
- *Igreja que testemunha o Evangelho*: uma Igreja que se reconhece também pecadora, necessitada de conversão contínua. Uma Igreja que seja “Boa Nova” para quem dela precisa ou se aproxima.
- *Igreja que escuta as aspirações humanas*: uma Igreja que faça a interação entre fé-vida, que escute os clamores do povo, especialmente dos mais sofridos. Uma Igreja que torne realidade o espírito da

¹⁶¹ Estudos da CNBB 80, p.99-100.

Gaudium et Spes: “Não há nada de verdadeiramente humano que deixe de lhes (discípulos de Cristo) ressoar no coração”¹⁶².

Esta nova mentalidade eclesiológica só está se tornando possível, graças ao esforço consciente do Concílio Vaticano II, que iniciou uma verdadeira renovação no seio da Igreja. Medellín e Puebla procuraram responder de forma criativa aos apelos do Concílio Vaticano II, ao enfatizarem uma evangelização que responda aos esforços de libertação e humanização dos povos do continente latino-americano, especialmente dos mais pobres e dos marginalizados. A IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano de *Santo Domingo*, em 1992, aprofunda esta eclesiologia, ao falar da necessidade urgente de uma “nova evangelização”.

Esta “novidade” afeta o estilo, o esforço e a programação da evangelização. Isto equívale a dizer que ela “*brotar de uma radical conformação com Jesus Cristo, o primeiro evangelizador*” (‘novo ardor’), que exigirá imaginação e criatividade para encontrar novos caminhos diante de novas situações (‘novos métodos’), que terá que “*inculturar-se mais no modo de ser e de viver de nossas culturas*” (‘nova expressão’)¹⁶³.

Santo Domingo pretende fornecer balizas claras para a nova evangelização, tais como: o sujeito desta evangelização “*é toda a comunidade eclesial segundo sua própria natureza*” (SD n.25); seu conteúdo é Jesus Cristo (n.27); a sua tarefa consiste em “*suscitar a adesão pessoal a Jesus Cristo e à Igreja*” (n.26); “*tem como finalidade formar pessoas e comunidades maduras na fé e dar respostas à nova situação em que vivemos, provocadas pelas mudanças sociais e culturais da modernidade*” (n.26)¹⁶⁴.

Especialmente a catequese e a liturgia ganham destaque nesta “nova evangelização”, mediante a educação contínua da fé e sua celebração. Afirma *Santo Domingo*:

¹⁶² Cf. GS, n.1.

¹⁶³ Cf. Documento de *Santo Domingo* (SD), n. 28s, *apud* Nilo AGOSTINI, *Ética e Evangelização*, p.105.

¹⁶⁴ Nilo AGOSTINI, *Ética e Evangelização*, p.105-106.

“Uma nova evangelização de nossos povos, à qual todos estão chamados, com ênfase especial na pastoral vocacional, com especial protagonismo dos leigos, e entre eles, dos jovens, mediante a educação contínua da fé e sua celebração, a catequese e a liturgia, para além de nossas próprias fronteiras: América Latina missionária (...)”¹⁶⁵.

CONCLUSÃO

À guisa de conclusão, faz-se necessário dizer que a catequese com adultos é para Igreja ainda um grande desafio. A II Semana Brasileira de Catequese proporcionou uma reflexão muito rica e profunda, mas que ainda tem que ser amadurecida e tornar-se realidade criativa em nossas comunidades eclesiais.

Por muitos séculos acabamos nos acostumando com um conceito de catequese estritamente infantil, doutrinário e ocasional. Temos dificuldades de entender a catequese como um processo contínuo de aprofundamento da fé, que perpassa as diversas etapas da vida dos cristãos.

Nossa iniciação à vida cristã é ainda muito pobre e deficitária. Somos iniciados tão somente em doutrinações, em ritos, numa liturgia sacramentalista, mas não crescemos rumo à maturidade em Cristo (Cf. Ef 4,13). Temos sérias dificuldades de articular fé e vida, caminhada de Igreja e compromisso com a transformação do mundo.

Nosso trabalho de conclusão de curso quis, ainda que de forma imperfeita e bastante deficiente, abrir espaço para a reflexão de um tema de tamanha en-

¹⁶⁵ Conclusões da Conferência de *Santo Domingo* (SD) – 1992, São Paulo, Paulinas, 1998, n.302.

vergadura e atualidade para a vida da Igreja. Na medida em que compreendemos a importância de se trabalhar a catequese com adultos, toda a caminhada da Igreja se modifica, ganhando um novo colorido e um novo direcionamento. Entramos assim numa Igreja adulta, onde “*a catequese conduz à maturidade da fé não somente os catequizandos, mas também a própria comunidade enquanto tal*”¹⁶⁶.

Temos que superar urgentemente uma compreensão de catequese como simples transmissão de uma doutrina, de um conteúdo de fé a ser decorado. Catequese é antes de tudo um encontro pessoal com Jesus Cristo, donde brota uma atitude de seguimento. No Cristo Mestre, o cristão é convidado a modelar a sua vida, a pautar as suas ações e redimensionar as suas atitudes. Se a catequese, especialmente a catequese com adultos, não for capaz de iniciar o cristão no seguimento de Jesus, de nada valerá. Concomitantemente a catequese deverá iniciar também o cristão na vida da comunidade, rompendo assim com um conceito de fé individualista e pouco eclesial. É na comunidade concreta dos fiéis batizados que o cristão faz experiência radical de encontro com o Senhor.

Mas para que tudo isso não permaneça apenas sonho ou utopia, faz-se necessário e urgente termos uma catequese aberta à iniciação cristã. A simples “sacramentalização” não é suficiente para termos cristãos “adultos na fé”, engajados na vida da comunidade eclesial, comprometidos com a transformação do mundo. Trata-se de uma longa caminhada, de um processo vital de introdução contínua dos cristãos, seja qual for a sua idade, nos diversos aspectos essenciais da fé.

Ao longo dos últimos anos, mas especialmente depois do Concílio Vaticano II, nasce na Igreja uma consciência crescente para a necessidade de se renovar a mentalidade catequética e se recuperar a experiência da catequese com adultos. Prova disto são as constantes referências deste tema em documentos importantes como: *Christus Dominus*, *Medellín*, *Diretório Geral para*

¹⁶⁶ DGC, n.221.

a Catequese, Catechesi Tradendae, Catequese Renovada etc. A publicação do RICA, depois do Concílio, vem confirmar a importância de a Igreja investir os seus melhores esforços na catequese com adultos.

Mas não basta termos os documentos, se não colocarmos os mesmos em prática. Para tanto, especialmente o grupo dos catequistas, os presbíteros e os bispos deverão fomentar e articular o processo catequético, tornando-o realidade vital no seio das comunidades.

Caberá a eles fazer com que a catequese seja, de fato, um exercício teórico e prático de aprofundamento de toda a vida da Igreja, em suas dimensões constitutivas: comunitária e participativa, missionária, ecumênica e de diálogo religioso, profética e transformadora e litúrgica. Mas, particularmente, se deverá abrir espaço para a articulação entre catequese e liturgia, onde a catequese seja um espaço privilegiado para a iniciação à vida litúrgica e, conseqüentemente, recupere a sua dimensão simbólico-celebrativa, fortemente presente no período dos Santos Padres.

Além do mais, a partir desta nova mentalidade eclesiológica nascida a partir do Vaticano II, a comunidade deverá tomar consciência de que toda ela é responsável pelo processo catequético. Embora algumas pessoas se responsabilizem mais diretamente pelo processo catequético, isto não exime a comunidade de exercer a sua maternidade espiritual e o seu compromisso com a iniciação dos novos cristãos.

Que a II Semana Brasileira de Catequese, inspiração deste trabalho monográfico, comunique um forte impulso renovador à formação contínua de todos nós, em constante crescimento e amadurecimento da fé. Que possamos viver nossa vocação como adultos em Cristo, produzindo frutos de justiça e solidariedade!

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

AGOSTINI, Nilo. *Ética e Evangelização: a dinâmica da alteridade na recriação da moral*, Petrópolis, Vozes, 1997.

ALBERICH, Emílio. *A catequese na Igreja de hoje*, São Paulo, Editora Salesiana, 1983.

BECKHÄUSER, Alberto. *Concílio Vaticano II: a Liturgia 25 Anos Depois*, Petrópolis, Vozes, 1989.

BECKHÄUSER, Alberto. *Os sacramentos na vida diária*, 2.^a ed., Petrópolis, Vozes, 1998.

BECKHÄUSER, Alberto. *A homilia à luz da Sagrada Liturgia*, in: *Sub umbris fideliter: Festschrift em homenagem a Frei Boaventura Kloppenburg*, Pe. Geraldo L. B. Hackmann (Org.), Porto Alegre, EDIPUCRS, 1999.

BECKHÄUSER, Alberto. *Celebrar a vida cristã*, 8.^a ed., Petrópolis, Vozes, 1999.

BECKHÄUSER Alberto. *A liturgia da missa: teologia e espiritualidade da Eucaristia*, 9.^a ed., Petrópolis, Vozes, 2001.

BOFF, Leonardo. *A Trindade e a Sociedade*, 5.^a ed., Petrópolis, Vozes, 1999.

BOROBIO, Dionisio. *La iniciación cristiana*, Salamanca, Ediciones Sigueme, 1996.

CANSI, Bernardo. *Catequese e educação da fé* (Col. Catequese Fundamental), Petrópolis, Vozes, 1994.

CELAM, *Conclusões da Conferência de Medellín – 1968*, São Paulo, Paulinas, 1988.

CELAM, *Conclusões da Conferência de Puebla – 1979*, São Paulo, Paulinas, 1998.

CELAM, *Conclusões da Conferência de Santo Domingo – 1992*, São Paulo, Paulinas, 1998.

CNBB, *Segunda Semana Brasileira de Catequese*, Estudos da CNBB 84, São Paulo, Paulus, 2001.

CNBB, *Com adultos, catequese adulta*, Estudos da CNBB 80, 3.^a ed., São Paulo, Paulus, 2001.

CNBB, *Catequese Renovada: orientações e conteúdos*, Documentos da CNBB 26, São Paulo, Paulinas, 1983.

CNBB, *Pastoral dos Sacramentos da Iniciação Cristã*, 6.^a ed., Documentos da CNBB n.2a, São Paulo, Paulinas, 1977.

CNBB, *Diretrizes Gerais de 1975*, São Paulo, Ed. Paulinas, 1975.

CNBB, *Instrumento de Trabalho da 2.^a SBC*, 2001.

CODINA, Victor; IRARRAZAVAL, Diego. *Sacramentos de Iniciação: água e espírito de liberdade* (Col. Teologia e Libertação), Petrópolis, Vozes, 1988.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório Catequético Geral (DCG)*, 1971.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório Geral para a Catequese (DGC)*, 2.^a ed., São Paulo, Paulinas / Loyola, 1999.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA SACROSANCTUM CONCILIUM (SC) – Compêndio do Vaticano II, 27.^a ed., Petrópolis, Vozes, 1998.

CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES (GS) – Compêndio do Vaticano II, 27.^a ed., Petrópolis, Vozes, 1998.

DECRETO CHRISTUS DOMINUS (ChD) – Compêndio do Vaticano II, 27.^a ed., Petrópolis, Vozes, 1998.

DICIONÁRIO DE CONCEITOS FUNDAMENTAIS DE TEOLOGIA. Peter Eicher (Dir.), São Paulo, Paulus, 1993.

FLORISTÁN, Casiano. *Catecumenato: história e pastoral da iniciação*, Petrópolis, Vozes, 1995.

IBGE. Disponível em: <http://www1.ibge.gov.br/censo>. Acesso em: 19 de setembro de 2002.

JOÃO PAULO II, *Catechesi Tradendae (CT)* – Doc. Pontifícios, 4.^a ed., Petrópolis, Vozes, 1984.

NERY, Irmão. *Catequese com adultos e catecumenato: história e proposta*, São Paulo, Paulus, 2001.

PAULO VI, *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi (EN)* in: Documentos da Igreja 3, São Paulo, Paulus, 1997.

PEREIRA, Ernesto do Nascimento. *A formação cristã de adultos: o grande desafio para a Igreja do III milênio*, Petrópolis, Vozes, 1994.

PINZETTA, Álvaro Luiz et al., *Sacramentos: Formação Permanente*. Pe. Marcos Albino Brand (Org.), Vozes, Petrópolis, 1984.

PULGA C.; BOSCARDIN R., *Pais e filhos crescem juntos na fé*, S. Paulo, Paulinas, 1985.

REVISTA DE CATEQUESE 45 (1989).

REVISTA DE CATEQUESE 49 (1990).

REVISTA DE CATEQUESE 61 (1993).

REVISTA DE CATEQUESE 80 (1997).

REVISTA DE CATEQUESE 97 (2002).

REVISTA DE CATEQUESE 98 (2002).

REVISTA DE LITURGIA 159 (2000).

REVISTA DE LITURGIA 169 (2002).

RITUAL DA INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS (RICA), São Paulo, Paulus, 2001.

SÉLLER, Miguel Angel. *La iniciación cristiana* (Colección de textos básicos para seminarios latinoamericanos), Santafé de Bogotá, CELAM, 1995.

SILVA, José Arioaldo da. *O mistério celebrado: memória e compromisso*, Col. “Livros Básicos de Teologia”, vol.9, Espanha, Siquem Ediciones, 2002.

TAVARES, Sinivaldo Silva. *Apostila do Curso de Trindade – ITF*, 2000.

VÍDEO: “*Catequese com adultos: crescer rumo à maturidade em Cristo*”, VERBO FILMES, 2001.

